

Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social
Mestrado em Psicologia Social

Suiane Magalhães Tavares

O papel da crença no mundo justo, da vitimização secundária e do sexismo societal no apoio à violência contra a mulher nas relações de namoro

João Pessoa / 2021

Suiane Magalhães Tavares

Universidade Federal da Paraíba

O papel da crença no mundo justo, da vitimização secundária e do sexismo societal no apoio à violência contra a mulher nas relações de namoro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Eduardo Pimentel e co-orientação do Prof. Dr. Cícero Roberto Pereira, como requisito parcial para a qualificação, com vistas a obtenção de título de mestre em Psicologia Social.

Instituição financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

João Pessoa

2021

A todas às pessoas que contribuíram para que eu chegasse até aqui.

O estudante é, antes de tudo, um forte.

Euclides da Cunha em os sertões

Agradecimentos

Há um provérbio chinês que diz “o professor abre as portas, mas você precisa entrar sozinho.” Na caminhada rumo ao título do mestrado, posso dizer que tive sorte grande, pois professores e professoras abriram muitas portas, e não considero que entrei sozinha, pois neste desafio em busca de um sonho, por assim dizer, muitas pessoas entraram junto comigo, apoiando-me, ensinando-me e lutando junto, ainda que distante, em alguns momentos.

A realização deste trabalho só foi possível graças ao contributo de muitas pessoas, portanto este trabalho é dedicado a todos e todas.

Ao professor Orientador, Carlos Eduardo, por me acolher e pelos ensinamentos no dia a dia.

Ao professor Orientador, Cícero Roberto, pessoa que desde o final de 2016 tem me ensinado muito, principalmente por ter contribuído com à luzinha da ciência na minha jornada.

A minha grande amiga, Tamyres Tomaz, grande tutora, gratidão por ter sido sua pupila, desde o TCC, e por ter a satisfação de tê-la sempre por perto.

Aos participantes que responderam aos questionários, meu imenso obrigada, esse trabalho só foi possível pela colaboração mais que generosa.

Ao GPCP – Grupo de Pesquisa em Comportamento Político, pelos encontros nas tardes de sexta-feira, que me ajudou na árdua tarefa da escrita, sobretudo na escrita dos passos da construção da ciência.

Ao LPM - Laboratório Psicologia da Mídia, pelos encontros e trocas de aprendizado.

A Cláudio Costa, companheiro, pelo carinho, por seguir junto enfrentando o caminho das pedras.

A Ana Paula, Valéria, Jade e Marcela, amigas desde a graduação.

A UFPB por ter sido esse espaço de aprendizado, de luta, de natureza, de paciência e paz, além do catalizador da minha profissão.

A meus gatos, que com a simples presença conseguiram resgatar minhas energias negativas, e principalmente ensinaram-me a ser uma humana melhor.

A Suzete e Chico Paz, meus pais.

A Silvânia, Sonaria, Sandra, Samuel, Sérgio, meus irmãos.

A *CNPQ*, pelo financiamento do meu trabalho, sem o qual seria impossível realizá-lo.

Resumo

A violência no namoro praticada contra mulheres é definida como ameaça ou uso real de abuso físico, psicológico, verbal/sexual, patrimonial e moral. A maneira pela qual vemos essas situações pode impactar na vida das pessoas envolvidas e nas relações interpessoais. A teoria da Crença no Mundo Justo e seus correlatos: vitimização secundária tem um papel no entendimento desse fenômeno complexo. No entanto, nenhuma pesquisa, até onde sabemos, investigou o efeito da CMJ, da vitimização secundária e do sexismo societal no apoio a violência contra a mulher nas relações de namoro. Levantamos as hipóteses de que o fenômeno da vitimização secundária medeia a relação entre o sexismo societal e o apoio a violência e, em um segundo momento, hipotetizamos a CMJ como moderadora dessa relação, e fomos um pouco além, em um terceiro momento, ao manipular a ameaça da CMJ dos observadores em uma amostra heterogênea. No Estudo 1 (N = 200), manipulamos o sexismo societal (individual vs. sociedade) e verificamos que pessoas com níveis altos de sexismo vitimizaram secundariamente uma vítima de violência. No Estudo 2 (N = 204), além da manipulação do sexismo societal, incluímos a manipulação da CMJ. Verificamos o impacto da vitimização secundária no apoio a violência mais uma vez, a hipótese da CMJ foi de encontro aos resultados esperados. Finalmente, para ajudar a entender o processo anterior, realizamos o Estudo 3 (N = 305), manipulamos uma situação que desafia a CMJ, em comparação a uma situação controle. Os resultados desse estudo mostraram uma mediação da vitimização secundária, bem como o efeito mais forte da moderação da evitação da vítima na condição de ameaça da CMJ. No geral, o que encontramos, confirma os resultados de achados anteriores, bem como estende a contribuição para pesquisas psicológicas do fenômeno em questão, sobretudo no quadro da violência de gênero na abordagem da teoria do mundo justo. Além De relevar o papel da vitimização

secundária na legitimação da violência em mulheres que estão em um relacionamento de namoro.

Palavras-chave: crença no mundo justo; vitimização secundária; sexismo societal, violência contra a mulher, violência no namoro.

Abstract

Dating violence against women is defined as a threat or actual use of physical, psychological, verbal / sexual, patrimonial and moral abuse. The way in which we see these situations can impact the lives of the people involved and interpersonal relationships. The Belief in a just world theory and its correlates: secondary victimization has a role in understanding this complex phenomenon. However, no research, as far as we know, has investigated the effect of BJW, secondary victimization and societal sexism in supporting violence against women in dating relationships. We raised the hypothesis that the phenomenon of secondary victimization mediates the relationship between societal sexism and support for violence and, in a second moment, we hypothesized the BJW as moderator of this relationship, and we went a little further, in a third moment, when manipulating the threat of BJW from observers in a heterogeneous sample. In Study 1 (N = 200), we manipulated societal sexism (individual vs. society) and found that people with high levels of sexism secondarily victimized a victim of violence. In Study 2 (N = 204), in addition to the manipulation of societal sexism, we included the manipulation of BJW. We verified the impact of secondary victimization in supporting violence once again, the BJW hypothesis was against the expected results. Finally, to help understand the previous process, we carried out Study 3 (N = 305), manipulating a situation that challenges the BJW, compared to a control situation. The results of this study showed a mediation of secondary victimization, as well as the stronger effect of moderating the victim's avoidance in the threat of BJW. In general, what we found confirms the results of previous findings, as well as extending the contribution to psychological research on the phenomenon in question, especially in the context of gender violence in the approach of the fair belief in

a just world theory. In addition to highlighting the role of secondary victimization in legitimizing violence in women who are in a dating relationship.

Keywords: Belief in a Just World; Secondary victimization; Societal sexism, Violence against women, Dating violence.

Sumário

Apresentação.....	1
Referências.....	9
Introdução.....	14
Visão Geral dos Estudos.....	22
Estudo 1	223
Método.....	23
Resultados.....	26
Discussão.....	27
Estudo 2	28
Método.....	29
Resultados.....	31
Discussão.....	35
Estudo 3	36
Método.....	37
Resultados.....	40
Discussão.....	44
Discussão Geral.....	45
Referências	53
Apêndices	60

Apresentação

“O amor tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta”

Coríntios 13:7

Muitas pessoas envolvidas em relações amorosas costumam não perceber comportamentos violentos como problemáticos, sugerindo que bater, abusar verbalmente ou mesmo outras manifestações de violência (e.g., violência sexual, psicológica, simbólica, entre outras) é normal ou até mesmo aceitável (Smith & Palenski, 2005). Nos relacionamentos românticos de namoro marcados por esses abusos, o final nem sempre costuma ser o “ficaremos juntos e seremos felizes para sempre”. Ao contrário disso, tem havido o “até que a morte os separe”, em um reflexo da forma mais extrema da violência.

Uma questão social que tem sido uma importante área de estudo em muitos países é a violência no namoro. O estudo desse fenômeno, nomeado também de violência interpessoal, ou mesmo violência por parceiro íntimo, já decorre de duas décadas (Lewis & Fremouw, 2001) e inclui uma série de comportamentos prejudiciais (Wincentak et al., 2017) direcionados a um dos parceiros da relação. Como, por exemplo, a violência verbal, física, psicológica, patrimonial, moral, sexual e simbólica, que são dirigidas por uma das partes, a fim de causar dor, lesão ou sofrimento a outra pessoa (OWH, 2017; Paiva et al., 2020).

St. Mars & Valdez, (2007) sugeriram que a violência no namoro é um pré-cursor da violência no casamento, podendo ser semelhante a violência doméstica e apresentar impactos na saúde das pessoas envolvidas. Com base em Stets & Pirog-Good (1987) os padrões ocorridos nas relações conjugais podem ser mais bem percebidos ao se examinar a violência no namoro, dado que a violência nesta fase pode ser tão intensa

quanto a violência nas relações posteriores, como o casamento. Também Fernández-González et al., (2019) apontam que na fase do namoro, é possível se identificar os fatores de risco modificáveis na relação afetiva e ajudar na prevenção e intervenção.

Conforme investigações na literatura, a maioria das vítimas e perpetradores de violência no namoro são adolescentes e jovens adultas, no entanto há uma disparidade na perpetração em relação ao gênero, em que as mulheres têm mais probabilidade do que os homens de serem as vítimas de violência (Stets & Pirog-Good, 1987; Lewis & Fremouw, 2001). Mais especificamente, tem havido uma violência desmedida contra mulheres e meninas em suas mais variadas formas de manifestação, em contextos domésticos, familiar e nas relações íntimas de afeto, como na relação de namoro. Dados de inquéritos populacionais baseado no testemunho das vítimas (WHO, 2017), coletados em 2005 em 10 países, demonstra que as mulheres de 15 a 49 anos de idade relataram terem sofrido violência física e/ou sexual por parte de um parceiro em sua vida. De forma mais abrangente, também conforme a WHO (2017), estima-se que uma em cada três mulheres sofre violência física e sexual durante a vida.

Ainda que em algumas culturas nos países orientais a violência contra mulheres seja normalizada, nas sociedades ocidentais esse fenômeno não é socialmente desejável (Rollero et al., 2019; Pereira et al., 2019). Especificamente, propomo-nos a compreender quais são os aspectos psicossociais que motivam as pessoas a apoiar situações de injustiças, como a violência, que ocorrem contra uma mulher dentro dos relacionamentos de namoro. A seguir abordaremos alguns desses aspectos.

Definição de sexismo societal

Historicamente, sabemos que o homem tem dominado as estruturas de poder e se sobreposto em todos os domínios da sociedade, esse processo de dominação pode ser

definido de ideologia do patriarcado (Glick & Fisk, 1996). Nomeadamente esse aspecto de dominação infiltrou-se nas relações de interação mais pessoais, como nas relações de namoro, e conjugais (Stets & Pirog-Good, 1987). Cotidianamente, notícias relacionadas a violência no namoro, além de outras estimativas, incluindo os tipos de comunicação de ameaça, abuso verbal, agressão física, violência sexual, moral e patrimonial (Lewis & Fremouw, 2001; Paiva et al., 2020) demonstram que mulheres e meninas são majoritariamente as vítimas dessas formas de abuso, mesmo já havendo em muitos países leis que contribuem para mitigar a violência de gênero (WHO, 2013).

Nessa linha, pensamos que o preconceito contra uma pessoa por conta do sexo ou gênero pode ser considerado um fator que ajuda a explicar o apoio das pessoas a violência contra uma mulher nas relações amorosas. Por exemplo, com base em Pratto et al., (1994) as ideologias, como a ideologia sexista, desempenham uma função de legitimação da discriminação e para que elas funcionem bem na sociedade é necessário que as pessoas aceitem e compartilhem certos mitos que, por sua vez, ajudam a legitimar a posição dos indivíduos pertencentes a determinadas categorias sociais, como a de gênero. Outra função dessa ideologia parece ser a legitimação da violência contra uma das partes dentro do relacionamento (Pereira et al, 2019; Rollero et al., 2019; Stets & Pirog-Good, 1987), dado que a ideologia sexista parece ser causada pela dominação masculina e a interdependência entre os sexos (Glick e Fisk, 1996). No entanto, Lima et al., (2019) apontam que há fatores, como as normas mais igualitárias, que contribuem para a supressão dessa ideologia ou preconceito em relação ao gênero por parte das pessoas, bem como para reduzir a expressão do próprio preconceito de forma pública.

De fato, os estereótipos e preconceitos atribuídos a grupos étnicos e a outros grupos estigmatizados, como mulheres, embora sejam herdados das sociedades, e pareçam estar estabelecidos em nossa memória, de maneira que qualquer um poderá

aprender ou mesmo disseminar, são parte de um processo que parecem inibir nossas crenças sexistas pessoais, a fim de manter uma aparência não preconceituosa ou mesmo uma auto-imagem menos negativa (Devine, 1989; Pereira et al. 2019;). Desse modo, as normas vigentes da sociedade, poderão fazer com que os indivíduos tentem se mostrar menos sexistas em relação a uma vítima de violência no namoro (Camino et al., 2001; Crendall & Eshleman, 2003).

Em relação ao sexismo societal é possível definir com base na literatura como o preconceito que é manifestado de forma genuína, na ausência de uma norma, ocorrendo de forma livre (Camino et al., 2001, Lima et al., 2019 e Pereira et al., 2019), ao contrário do sexismo individual, que é o preconceito que atribuímos a nós próprios, sendo expresso com base em nossas expectativas conscientes, na presença de uma norma supressora (Lima et al., 2019). Isso nos faz pensar que o sexismo societal poderá ter uma contribuição importante para compreensão da maneira como as pessoas legitimam a violência contra a mulher na relação de namoro, de modo que elas serão motivadas a expressarem o preconceito contra uma mulher sem serem psicologicamente censuradas (Pereira et al., 2019).

A motivação para legitimar injustiças

As reações das pessoas em relação as vítimas pertencentes a grupos que são desfavorecidos, como pobres, negros, mulheres é explorada pela Teoria do mundo justo (CMJ), desenvolvida há mais de 20 anos por Lerner (Dalbert, 1990; Lerner, 1980). Com uma literatura extensa (Furnham & Procter, 1989; Lerner, 1980; Correia et al., 2015) e com um postulado central de que as pessoas são motivadas a acreditar que o mundo é um lugar justo, onde cada um tem o que merece (Lerner, 1980).

Essa teoria aborda aspectos positivos e negativos. O primeiro aspecto é sobre a forma como desvalorizamos as vítimas, o segundo aspecto, diz respeito a crença enquanto mecanismo de enfrentamento com benefícios psicológicos (Furnham, 2003). A legitimação da violência contra a mulher na relação de namoro, bem como a responsabilização da vítima pelo ocorrido parece ser explicada pelo primeiro aspecto, que envolve o mecanismo psicológico com base em estratégias irracionais, (Correia, 2000; Dawtry et al., 2020).

De acordo com a literatura, tanto contextos que envolvem pessoas de grupos desfavorecidos, bem como os contextos que envolvem as vítimas de violência sexual (Dawtry et al., 2020; Kleinke & Meyer, 1990) em que, especificamente, é impossível evitar o sofrimento da vítima, parecem ser mais impactantes para a crença do mundo justo dos observadores, além de envolver os indivíduos emocionalmente, o que, por sua vez, provocaria as reações irracionais (i.e. culpabilizar; minimizar o sofrimento; desvalorização da vítima).

De fato, vários estudos têm mostrado resultados que vão ao encontro do que é proposto pela teoria do mundo justo. Por exemplo, o estudo de Van den Bos & Maas (2009) mostrou que numa condição de alta ameaça a crença no mundo justo, os participantes culpavam mais a vítima, do que na situação de baixa ameaça a CMJ. Também Mendonça et al., (2016) mostraram, com base numa amostra de adolescentes e jovens de Lisboa, que ao avaliar a situação de uma vítima inocente, os participantes com altos níveis de crença em um mundo justo reagiam mais negativamente (i.e., percepção de justiça; merecimento da vítima; minimização do sofrimento) a uma vítima que sofreu um evento negativo.

Em síntese, esses estudos mostram um aspecto fundamental da teoria do mundo justo, é o fato de as pessoas usarem sua necessidade de acreditar na ilusão de justiça

para reagirem negativamente e de maneira irracional perante uma vítima. Na teoria do mundo justo, o aspecto da vitimização secundária é particularmente relevante, mais especificamente, no âmbito da violência de gênero cometida contra mulheres, a qual parece explicar a motivação das pessoas a serem sexistas e, por sua vez, apoiar essa violência.

A vitimização secundária

A crença no mundo justo mantém dois mecanismos fundamentais que ajudam a reestabelecer a crença das pessoas em mundo justo Mendonça et al., (2016). O primeiro é o mecanismo psicológico nomeado por vitimização secundária, isto é, as estratégias irracionais à vítima do sistema social, pessoal e de justiça (Correia, 2000; Gutiérrez De Piñeres Botero et al., 2009). O segundo é o mecanismo comportamental, que está mais associado a justiça restauradora (Tavares et al., 2019). Com base em Correia & Vala (2003) esses mecanismos são utilizados, pois ajudam a manter a ilusão de invulnerabilidade pessoal essencial para manter a confiança no futuro, bem como a realização de investimentos a longo prazo.

Em relação ao mecanismo psicológico, é possível observar na literatura que existe variadas formas, como (e.g, culpabilização, a minimização do sofrimento, a evitação do contato com a vítima, a desvalorização da vítima (Correia & Vala, 2003). As duas primeiras são dimensões mais avaliativas, enquanto a evitação do contato está relacionada ao comportamento (Correia & Vala, 2003). Essas atitudes e comportamentos para às vítimas não apenas agravam a situação vivenciada por ela, como às tornam ainda mais vulneráveis.

Na psicologia social, muitas pesquisas foram conduzidas para entender a maneira pela qual as pessoas responsabilizam vítimas pelos acontecimentos negativos,

que lhes acometeram (Correia & Vala, 2003; Linhares et al., 2020; Mateus & Pereira., 2020; Paiva et al., 2020; Tavares et al., 2019). Conforme a literatura, além desse aspecto, há outros fatores individuais; situacionais; sociais e institucionais que colaboram para atribuição de culpa ou responsabilização das vítimas, principalmente, em casos de violência sexual (Gravelin et al., 2019).

Fatores individuais, levam em consideração as características do observador, e.g. o sexo do observador (Linhares et al., 2020); o grau de crença no mundo justo (Kleinke & Meyer, 1990). Fatores situacionais focam nos aspectos da vítima, agressor ou características da agressão (e.g. cor da pele da vítima) Linhares et al., (2020); o grau de relação do agressor com a vítima, isto é, se é namorado, estranho ou cônjuge (para uma revisão ver: Gravelin et al., (2019). Por fim, o terceiro fator que pode influenciar à culpa da vítima, nomeado de situacional ou institucional, que se refere aos papéis de gênero estabelecidos na sociedade; a mídia (para uma revisão ver Gravelin et al., 2019). Isto é, o grau de culpa a uma pessoa abusada sexualmente, por exemplo, poderá variar a depender desses fatores. Todos esses aspectos são relevantes e contribuem para compreender o que motiva as pessoas a culpar outra por infortúnios da vida.

Estudos sobre culpabilização de mulheres vítima de violência sexual mostraram que mulheres negras tendem a ser mais culpabilizadas que as mulheres brancas e que altos níveis de crença na justiça do mundo foi relevante para encontrar esse resultado (Linhares et al., 2020). Também Sakalli, (2001) mostrou que os participantes da Turquia responsabilizam mais as mulheres por terem sido espancadas do que o marido por seu comportamento violento. Refletindo que a mulher pode ser culpabilizada pela situação negativa que lhe ocorreu.

No geral, a vitimização secundária pode ser tão prejudicial à vítima quanto a primeira violência sofrida, pois a impacta de forma psicológica, social ou política

(Gutiérrez De Piñeres Botero et al., 2009). Por essa razão necessita de uma atenção especial, sobretudo, quando associada a aceitação da violência contra a mulher numa relação de namoro. Assim, investigamos em três estudos se o preconceito dos observadores na aceitação da violência contra a mulher é legitimado pelas avaliações negativas feitas à vítima de violência.

Em suma, este capítulo apresentou de forma breve os principais aspectos a serem abordados em três estudos deste trabalho, a partir dos pressupostos da teoria do mundo justo no âmbito da violência de gênero. Embora muitos estudos apontados até aqui tenham mostrado evidência sobre a maneira pela qual as pessoas legitimam injustiças em mulheres, ainda se tem muito a avançar na teoria em questão, ao elaborarmos um modelo analítico que busca explicar o papel da vitimização secundária, da CMJ na relação entre o sexismo e a aceitação da violência contra a mulher nas relações de namoro.

Referências

- Camino L, Silva P, Machado, A., & Pereira, R. C. (2001). A face oculta do racismo no Brasil: Uma análise psicossociológica. *Revista Psicologia Política*, 1, 13-36.
- Crandall, C. & Eshleman, A. (2003). A justification-suppression model of the expression and experience of prejudice. *Psychological Bulletin*, 129, 414-446.
<https://doi.org/10.1037/0033-2909.129.3.414>
- Correia, I., Alves, H., Morais, R., Ramos, M., Sutton, R., Ramos, M., Gouveia-Pereira, M., & Vala, J. (2015). The legitimization of wife abuse among women: The impact of belief in a just world and gender identification. *Personality and Individual Differences*, 53(6), 7–12. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2014.11.041>
- Correia, I., & Vala, J. (2003). Crença no mundo justo e vitimização secundária : O papel moderador da inocência da vítima e da persistência do sofrimento (*). *Análise Psicológica*, 3(XXI), 341–352. <https://doi.org/10.14417/ap.15>
- Correia, I. F. (2000). A Teoria da Crença no Mundo Justo e a Vitimização Secundária Estudos empíricos e desenvolvimentos teóricos. *Psicologia*, 14(2), 253–283. <https://doi.org/10.1002/masy.200451328>
- Dalbert, C. (1990). The justice motive as a personal resource: dealing with challenges and critical life events. In *The Americas* (Vol. 46, Issue 3).
<https://doi.org/10.1017/s0003161500076719>
- Dawtry, R. J., Callan, M. J., Harvey, A. J., & Gheorghiu, A. I. (2020). Victims, Vignettes, and Videos: Meta-Analytic and Experimental Evidence That Emotional Impact Enhances the Derogation of Innocent Victims. *Personality and Social Psychology Review*, 24(3), 233–259. <https://doi.org/10.1177/1088868320914208>

- de Lima, T. J. S., Pereira, C. R., Rosas Torres, A. R., Cunha de Souza, L. E., & Albuquerque, I. M. (2019). Black people are convicted more for being black than for being poor: The role of social norms and cultural prejudice on biased racial judgments. *PLOS ONE*, *14*(9), e0222874.
<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0222874>
- Devine, P. G. (1989). Stereotypes and prejudice: their automatic and controlled components. *Journal of Personality and Social Psychology*, *56*, 5-18.
- Fernández-González, L., Calvete, E., & Orue, I. (2019). The Role of Acceptance of Violence Beliefs and Social Information Processing on Dating Violence Perpetration. *Journal of Research on Adolescence*, *29*(3), 763–776.
<https://doi.org/10.1111/jora.12414>
- Furnham, A. (2003). Belief in a just world: Research progress over the past decade. *Personality and Individual Differences*, *34*(5), 795–817.
[https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(02\)00072-7](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(02)00072-7)
- Furnham, A., & Procter, E. (1989). Belief in a just world: Review and critique of the individual difference literature. *British Journal of Social Psychology*, *28*(4), 365–384. <https://doi.org/10.1111/j.2044-8309.1989.tb00880.x>
- Glick, P., & Fiske, S. (1996). The ambivalent sexism inventory: differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, *70*, 491-512. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-35.70.3.491>
- Gravelin, C. R., Biernat, M., & Bucher, C. E. (2019). Blaming the victim of acquaintance rape: Individual, situational, and sociocultural factors. In *Frontiers in Psychology* (Vol. 9, Issue JAN, p. 2422). Frontiers Media S.A.
<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.02422>

Gutiérrez De Piñeres Botero, C., Coronel, E., & Andrés Pérez, C. (n.d.). *REVISIÓN TEÓRICA DEL CONCEPTO DE VICTIMIZACIÓN SECUNDARIA THEORETICAL REVIEW OF THE CONCEPT OF SECONDARY VICTIMIZATION*.

Kleinke, C. L., & Meyer, C. (1990). Evaluation of Rape Victim By Men and Women With High and Low Belief in a Just World. *Psychology of Women Quarterly*, *14*(3), 343–353. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1990.tb00024.x>

Lerner M. J. (1980). *The belief in a just world: a fundamental delusion*. Plenum Press.

Lewis, S. F., & Fremouw, W. (2001). Dating violence: A critical review of the literature. *Clinical Psychology Review*, *21*(1), 105–127. [https://doi.org/10.1016/S0272-7358\(99\)00042-2](https://doi.org/10.1016/S0272-7358(99)00042-2)

Linhares, L. V., & Torres A. R. R. (2020). She deserved what happened: Analysis of the processes of blaming the victim of sexual violence. [Paper submitted to publication]. Department of Psychology, Federal University of Paraíba.

Mateus, K. S., & Pereira, C. R. (2020). System justification in the social explanation of the violence against minority groups. [Paper submitted to Publication]. Department of Psychology, Federal University of Paraíba.

Mendonça, R. D., Gouveia-Pereira, M., & Miranda, M. (2016). Belief in a Just World and secondary victimization: The role of adolescent deviant behavior. *Personality and Individual Differences*, *97*, 82–87. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2016.03.021>

Paiva, T. T., Pereira, C. R., Pimentel, C. E., & Silva, E. M. L. (2020). Development and validation of the acceptance of violence against women scale (AVAWS). [Paper submitted to Publication]. Department of Psychology, Federal University of

Paraíba.

- Pratto, F., Sidanius, J., Stallworth, L. M., & Malle, B. F. (1994). Social Dominance Orientation: A Personality Variable Predicting Social and Political Attitudes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67(4), 741–763.
<https://doi.org/10.1037/0022-3514.67.4.741>
- Pereira, C. R.; Mateus, K. S.; Santos, M. F. Apontamentos para uma teoria da discriminação contra grupos minoritários. In: Silvana Carneiro Maciel; Patrícia Nunes Fonsêca. (Org.). *Psicologia Social: Vertentes e Perspectivas*. 1ed. João Pessoa: Editora UFPB, 2019, v. 1, p. 79-101.
- Rollero, C., Bergagna, E., & Tartaglia, S. (2019). What is Violence? The Role of Sexism and Social Dominance Orientation in Recognizing Violence Against Women. *Journal of Interpersonal Violence*, 088626051988852.
<https://doi.org/10.1177/0886260519888525>
- Smith, A., Winokur, K., & Palenski, J. (2005). What is dating violence?: An exploratory study of hispanic adolescent definitions. *Journal of Ethnicity in Criminal Justice*, 3(1–2), 1–20. https://doi.org/10.1300/J222v03n01_01
- Sakalli, N. (2001). Beliefs about wife beating among Turkish college students: The effects of patriarchy, sexism, and sex differences. *Sex Roles*, 44(9–10), 599–610.
<https://doi.org/10.1023/A:1012295109711>
- St. Mars, T., & Valdez, A. M. (2007). Adolescent Dating Violence: Understanding What Is “At Risk?” *Journal of Emergency Nursing*, 33(5), 492–494.
<https://doi.org/10.1016/j.jen.2007.06.009>
- Stets, J. E., & Pirog-Good, M. A. (1987). Violence in Dating Relationships. *Social*

Psychology Quarterly, 50(3), 237. <https://doi.org/10.2307/2786824>

World Health Organization. (2017). Folha informativa-violência contra as mulheres.

World Health Organization.

World Health Organization. (2013). Global and regional estimates of violence against women: prevalence and health effects of intimate partner violence and non-partner sexual violence. World Health Organization.

http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/85239/1/9789241564625_eng.pdf

Wincentak, K., Connolly, J., & Card, N. (2017). Teen dating violence: A meta-analytic review of prevalence rates. *Psychology of Violence*, 7(2), 224-241.

<http://dx.doi.org/10.1037/a0040194>

Tavares, S. M. (2019). Elaboração e validação da escala de vitimização secundária da violência sexual. [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa].

van den Bos, K., & Maas, M. (2009). On the Psychology of the belief in a just world: Exploring experiential and rationalistic paths to victim blaming. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 35(12), 1567–1578.

<https://doi.org/10.1177/0146167209344628>

O papel da crença no mundo justo, da vitimização secundária e do sexismo societal no apoio à violência contra a mulher nas relações de namoro

A violência no namoro é um problema que atinge mulheres em todo mundo (Wincentak et al., 2017). Esse fenômeno devastador e persistente se manifesta de cinco formas, física, sexual, psicológica, patrimonial e moral (Ali et al., 2016; ONU, 2018; Paiva et. al., 2020; Temple et al., 2016) e devido as consequências nocivas desse tipo de violência, a literatura tem demonstrado um crescente interesse pelo estudo desse fenômeno em vários domínios das relações entre parceiros íntimos, como nas relações de namoro. A violência no namoro, por exemplo, é definida como a manifestação de qualquer um dos tipos de violência realizadas por um dos parceiros contra o outro. Neste estudo, focalizamos a violência contra as mulheres que são vítimas dessa violência, especificamente por elas fazerem parte de grupos discriminados, mas também porque estudos na literatura destacam que as mulheres são mais frequentemente vítimas de violência do que os homens e que são mais propensas a sofrer consequências negativas ou lesões como resultado da violência no namoro (ver Jackson, 1999; Garcia, Soria, & Hurwitz, 2007; Wincentak, Connolly, & Card, 2007; WHO, 2010 para uma revisão).

De fato, dados recentes do relatório mundial sobre violência e saúde evidenciam que, em todo mundo, quase um terço (30%) das mulheres que estão em um relacionamento relatam que sofreram alguma forma de violência física e/ ou sexual por seu parceiro íntimo durante a vida (WHO, 2014). Além disso, no Brasil, em 2018, a cada duas horas uma mulher foi assassinada (IPEIA, 2020), sugerindo haver um crescimento dos casos de feminicídios no país. Essa é a representação dos resultados de uma das consequências mais extremas contra as mulheres, mesmo já havendo no país

legislação que prescrevem medidas para punir os agressores e proteger as vítimas de violência.

Notavelmente relevante para este estudo é o fato de que, além das mulheres pertencerem aos grupos minoritários e, portanto, serem atingidas por um sistema de crenças negativas e historicamente desfavorecidas (Lima-Nunes, Pereira & Correia, 2013), muitas vezes são culpabilizadas pela própria violência sofrida. Por exemplo, evidências empíricas mostram que em situações de injustiça, como a violência que ocorre em uma relação de namoro, as vítimas do infortúnio costumam ser culpabilizadas pelas pessoas ou ainda essas tendem a minimizar o sofrimento da vítima ou mesmo evitar qualquer contato com elas (Correia & Vala, 2003a). Além disso, mulheres que pertencem a minorias e que são discriminadas correm um risco maior de sofrer violência por parceiro íntimo e de serem mais vitimizadas (para uma revisão, ver Wincentak et al., 2017).

Dada a natureza recorrente do fenômeno da violência na vida cotidiana das mulheres nas relações interpessoais, desenvolvemos um programa de pesquisa para responder a seguinte questão: qual o papel da vitimização secundária e da CMJ no apoio a violência em mulheres na relação de namoro? A literatura existente sugere que a maneira pela qual vemos uma situação e a forma como reagimos a ela, pode ter um efeito sobre as vítimas envolvidas no evento (Kleinke & Meyer, 1990); bem como que a responsabilização da vítima pelo que lhe acometeu, torna mais dramática a situação da vítima e mais vulnerável perante a situação (Swim et al., (2001). Na presente pesquisa, estendemos essas descobertas levando em consideração o grau de apoio a violência contra as mulheres na relação de namoro. Além disso, para compreender melhor o fenômeno da violência contra a mulher, verificamos até que ponto a vitimização

secundária explica o efeito do sexismo societal na aceitação da violência e até que ponto a manipulação da CMJ contribui nesse processo.

Sexismo societal e o endosso da violência contra a mulher

Uma possível explicação para enfática violência em relação às mulheres pode ser os comportamentos estereotipados, atitudes negativas e crenças que a sociedade mantém em relação a elas diariamente em um processo de socialização. Segundo Glick et al., (2001) esses comportamentos, atitudes e crenças são reconhecidos em várias nações, dividindo-se em expressões de preconceito hostis e benevolentes. Salientamos que esses aspectos são possíveis preditores da desigualdade e da violência (Ulloa, Jaycox, Skinner, & Orsburn, 2008; Lichter & McCloskey, 2004; Reyes, Foshee, Niolon, Reidy, & Hall, 2016. Por exemplo, Reyes et al. (2016) encontraram que, a relação entre as atitudes tradicionais de gênero e a perpetração física de violência no namoro foi mais forte para os participantes que apresentaram níveis mais altos de apoio a violência. O estudo de Sakall (2001) descobriu que níveis altos de sexismo hostil dos indivíduos estão relacionados a um maior apoio à violência doméstica.

O preconceito ou as atitudes e crenças discriminatórias contra as mulheres são amplamente difundidas, a expressão dessas atitudes, parece ser um fator que contribui para perpetração da violência contra os grupos historicamente desfavorecidos, além disso o status de grupo desfavorecido contribui para reforçar os preconceitos (Garaigordobil & Aliri, 2013; Glick & Fiske, 2001). Conforme Devine (1989) indicou, esse processo pode ocorrer automaticamente ou sob controle deliberativo, resultando na ativação e expressão de estereótipos sociais e crenças individuais. À vista disso, quando nossas crenças pessoais se sobrepõem aos estereótipos sociais, o desfecho desse processo compete com a nossa intenção de manter uma identidade não preconceituosa (Devide, 1989).

Vários estudos investigaram o efeito do preconceito societal em minorias sociais, como em imigrantes e negros. Quando os participantes rotulam um grupo social de negros americanos, de acordo com o que as pessoas pensam (preconceito societal) e falam sobre esses grupos, os indivíduos com alto níveis de preconceito listam mais pensamentos negativos do que positivos em relação ao grupo social de negros do que os participantes com baixo preconceito (Devine, 1989). Na mesma linha, o estudo de Machado et. al., (2001), mostrou que os participantes indicaram que as pessoas atribuem mais características negativas a pessoas negras do que as brancas, quando a escolha é feita a partir da opinião do público geral (preconceito societal), os resultados apresentam-se contrários, de quando a escolha parte da percepção pessoal (preconceito individual).

Segundo de Lima et. al., (2019) a diferença das respostas das pessoas de alto preconceito das pessoas de baixo preconceito é devido a internalização da norma anti-preconceito por parte dessas últimas. No entanto, aquelas pessoas que não internalizaram a norma anti-preconceito, quando percebem que suas atitudes preconceituosas estão sendo avaliadas, são motivadas a expressar um nível menor de preconceito, não manifestando suas reais atitudes negativas (Machado et al. 2001; Lima et al. 2013). É importante ressaltar que as mulheres são alvos constantes do sexismo em nossa sociedade, e quando a manifestação desse preconceito é mais sutil, sua perniciosidade nos alvos revela-se mais perigosa (Cihangir et al., 2014), não apenas por ser mais difícil de combater (Camino et. al, 2001), mas porque afetam o bem estar psicológico das mulheres, aumenta o sentimento de raiva e depressão e diminui seu estado de auto-estima (Swim et al., 2001).

Evidências empíricas mais recentes sugerem que as pessoas com alta adesão ao sexismo benevolente culpam mais uma vítima negra de violência sexual, do que uma

vítima branca Linhares et al., (2020). Também Sakalli (2001), mostrou que níveis elevados de sexismo hostil estão correlacionados com níveis maiores de aceitação da violência doméstica. Embora os resultados desses estudos nos ajudem a esclarecer fenômenos relevantes a psicologia social relacionadas aos grupos minoritários que são estereotipados negativamente, ainda não está claro quais os mecanismos psicossociais que levam a legitimação da violência em mulheres nos relacionamentos de namoro. Nesse sentido, com este trabalho, pretendemos estender a discussão sobre os fatores que levam as pessoas a subscrever a violência em mulheres, incorporando novos elementos, ao apresentarmos um programa de pesquisa com o objetivo de avançar na investigação sobre o fenômeno apresentado e ao verificar a influência do sexismo societal na violência contra a mulher.

De especial importância para este estudo é o fato de que, até onde investigamos, nenhuma pesquisa até agora examinou o fenômeno da aceitação da violência no namoro com a manipulação do preconceito societal. Pesquisas anteriores se concentraram em examinar a associação direta entre crenças e a violência no namoro ou o contrário (efeito principal) (Temple et al., 2016). Isso é particularmente importante, pois propicia que a temática seja explorada a partir de outras ordenações e principalmente do ponto de vista da psicologia social. Mas principalmente, ajudará a compreender os processos que tornam uma vítima de violência ainda mais vulnerável, bem como se esses processos servem para legitimar situações injustas que ocorrem contra as mulheres, tornando as consequências da violência de gênero ainda mais dramáticas.

O papel da Crença em um Mundo Justo

Muitas vezes na vida cotidiana somos confrontados com situações em que vítimas de infortúnios são tratadas de maneira injusta por outras pessoas. Uma perspectiva que explica esses comportamentos é a teoria do motivo de justiça ou teoria

do mundo justo (Lerner, 1980). Segundo essa teoria, as pessoas têm uma motivação para acreditar que o mundo é um lugar justo e que, portanto, cada um tem aquilo que merece e merece aquilo que tem. A necessidade de acreditar que o mundo é um lugar justo, leva as pessoas a se comportarem de determinada maneira diante de uma injustiça, por exemplo, culpando à vítima pelo que lhe ocorreu, minimizando o seu sofrimento, evitando ou desvalorizando. Assim, em um mundo que parece ser justo, vítimas de grupos minoritários, como as mulheres, podem ser vistas pelas pessoas como merecedoras dos eventos negativos que lhes acometeram, e desta maneira a primeira forma de restaurar a CMJ não sendo cumprida, levará as pessoas a se comportarem como se a vítima fosse culpada pelo próprio sofrimento.

Conforme a teoria do motivo de justiça, a legitimação do sofrimento de uma vítima ajuda as pessoas na reconstrução cognitiva da injustiça, fazendo-a parecer que foi justa, esse processo reduz o sentimento de angústia (Lerner, 1980) e ajuda a manter a ilusão de estabilidade. Portanto, perante situações de injustiça, como a violência praticada em mulheres na relação de namoro, a necessidade de manter a ilusão de justiça motivará as pessoas para restauração da crença no mundo justo. Dado que é impossível restaurar o sofrimento de uma vítima de violação, as pessoas irão vitimizá-la secundariamente, isto é, culpabilização, minimização do sofrimento, evitação do contato, mesmo que o resultado desses comportamentos para com a vítima as tornem ainda mais vulneráveis (Furnham, 2003; Kleinke & Meyer, 1990)

O confronto dos indivíduos com situações de injustiça os levará, portanto, a uma situação paradoxal, uma vez que a fim de preservar a percepção de justiça no mundo, eles tenderão a legitimar situações injustas. A nossa lógica aqui é a de saber se os indivíduos, quando confrontados diante de uma situação de violência contra uma mulher, serão motivados a manter a crença de justiça no mundo, e, portanto, apoiarão a

violência, legitimando a injustiça sofrida por uma vítima na relação de namoro. Além disso, sugerimos que esse processo é mais bem explicado na influência entre o sexismo societal e a vitimização secundária. Especificamente, propomos que, os indivíduos com altos níveis de crenças e preconceito sobre as mulheres, na situação de injustiça, tenderão a vitimizar mais a vítima e apoiar mais a violência contra a mulher nas relações interpessoais.

O reflexo subjacente da vitimização secundária

Os comportamentos de culpabilização da vítima, isto é, a responsabilização da vítima pelo resultado de eventos negativos, sempre existiram (Gravelin et al., 2019). Apenas na década de sessenta, a psicologia social voltou sua atenção para o estudo desse fenômeno, mais especificamente, Melvin Lerner, em sua vivência em hospital psiquiátrico, observou as reações negativas dos profissionais para com as vítimas pelo próprio infortúnio (Lerner, 1980). No entanto, em 1981 Brickman tituló as reações negativas para com as vítimas por vitimização secundária (Brickman & et al, 1982). As atribuições de responsabilidade a vítima pelos acontecimentos negativos que lhe ocorreram, referem-se à segunda violação e representam as consequências negativas do apoio social e de justiça pelo infortúnio que as tornaram vítimas (Correia et. al., 2003, Tavares et al. 2018).

De fato, pesquisas sobre Vitimização Secundária mostraram que, os indivíduos para manter a ilusão de que o mundo é um lugar justo, seguro e organizado, quando se confrontam com uma situação que envolve um vítima de injustiça, tentarão reestabelecer a CMJ de duas formas, tentando eliminar o sofrimento da vítima ou culpabilizando-as pelo que lhe ocorreu (Correia et al., 2018; Kleinke & Meyer, 1990), uma vez que não é possível reverter uma crime de estupro, tampouco o sofrimento de uma vítima desse crime, as vítimas envolvidas na situação, estarão sujeitas a

vitimização secundária (Kleinke & Meyer, 1990). Nesse contexto, a vitimização secundária pode ser usada como um mecanismo que vai explicar o comportamento das pessoas diante das situações de injustiça, (e.g. a violência contra a mulher na relação de namoro) (Furnham, 2003). Há diversas formas de revitimizar uma vítima, por exemplo, culpando-a (Aguiar et al., 2008); minimizando o sofrimento (Correia & Vala, 2003b); ou derogando-a (Correia & Vala, 2003b). A literatura mostra que essas atitudes e comportamentos podem ser mais dramáticas para vítima do que a primeira violação ()

Para esta pesquisa, pretendemos esclarecer o papel da vitimização secundária como mecanismo psicológico subjacente ao apoio socialmente aceitável da violência no namoro em mulheres. Nosso raciocínio é de que, a vitimização secundária pode influenciar o apoio da violência, de modo que, as pessoas ao tentarem diminuir a ameaça ocasionada pela situação de injustiça, falharão em sua expectativa, e utilizarão estratégias de vitimização (e.g., culpabilização; minimização do sofrimento e evitação do contato).

Assim como nos estudos sobre preconceito contra grupos de raça/etnia e de imigrantes, iremos utilizar a manipulação experimental do sexismo societal, utilizado por (Devine, 1989, Lima et al., 2019; Camino et al., 2001). A literatura sobre esses estudos mostra que as pessoas se sentem mais à vontade para expressar seus juízos sexistas ao passo em que os confere a sociedade, e não a si próprios (Lima, 2019), dito de outra forma, a expressão do sexismo de forma aberta pelos indivíduos vai de encontro as pressões da normas sociais mais igualitárias, por sua vez, a norma não exerce pressão a nível societal (Lima-Nunes et al., 2013a), ocorrendo uma maior expressão do sexismo.

Visão Geral dos Estudos

Baseando-se nas evidências teóricas acima, bem como na hipótese da teoria do mundo justo (Lerner, 1980), mais especificamente no quadro da violência de gênero. O presente estudo investiga o papel da vitimização secundária e da CMJ na relação entre o preconceito societal e a aceitação da violência no namoro praticada contra mulheres. As atitudes negativas contra as mulheres vítimas de violência são cotidianamente reforçadas por crenças estereotipadas, o que afeta negativamente as mulheres que sofrem violência no namoro (por exemplo: a crença de que as mulheres devem ser submissas aos homens). A necessidade dessa investigação decorre, devido ao fato de que os estudos anteriores sobre a influência do preconceito societal se concentraram em sua maioria em categorias sociais étnicos/ raciais ou de imigrantes, bem como especificando apenas uma das reações da vitimização secundária. No entanto, deve-se notar que nos estudos relatados até aqui, nenhuma atenção foi dada aos processos subjacentes que explicam a relação entre o sexismo societal e o apoio a violência contra a mulher na relação de namoro utilizando as três dimensões de uma só vez, isto é, culpabilização; minimização e evitação do contato. E que, portanto, investigar de forma mais aprofundada esses processos, ajudará a elucidar como vemos uma vítima e se legitimamos situações de violência envolvendo mulheres nos relacionamentos românticos. Além do fato de que poucas pesquisas realizaram análises de processos condicionais, revelando uma lacuna de estudos sobre os assuntos centrados no apoio da violência em mulheres estereotipadas negativamente. Dessa forma, o Estudo 1 examinou se os indivíduos com nível alto de sexismo societal vitimizariam secundariamente e apoiariam mais a violência no namoro. O Estudo 2 explorou se os participantes com níveis altos de sexismo societal, vitimização secundária e com níveis altos de crença no mundo justo apoiariam mais a violência. Por fim, o Estudo 3

examinou se as respostas de apoio a violência são mais fortes, quando a crença em um mundo justo é ameaçada.

Estudo 1

Neste estudo, iremos explorar o papel da vitimização secundária na relação entre o sexismo societal e a aceitação da violência em mulheres vítimas de violência. Nosso argumento é o de que, se a vitimização secundária funciona como um mecanismo que facilita a aceitação da violência no namoro, essa vitimização deverá mediar a relação entre o sexismo e o apoio à violência. Especificamente, os participantes instruídos a responder consoante o que eles pensam que a sociedade pensa (i.e., condição de sexismo societal), maior deverá ser a expressão de vitimização secundária, o que, por sua vez, pode estar associado a maior aceitação da violência no namoro contra mulheres. Nos baseamos em estudos que revelaram que a expressão da norma anti-preconceito não exerce pressão no nível societal (Camino et al., 2001; Davine, 1989; Nunes et al., 2013; Lima et al., 2019), portanto as crenças das pessoas sobre o alvo não serão expressadas de forma consciente, mas serão mais fortes, uma vez que a atribuição de atitudes negativas é deslocada para a sociedade e não a si mesmo. Sendo assim, prevemos que os participantes expressarão o preconceito na condição de sociedade e praticarão em maior medida a vitimização secundária, nessa conformidade quanto maior for a vitimização, maior o apoio a violência contra as mulheres.

Método

Participantes

Este estudo teve a participação de 200 universitários (120 mulheres e 80 homens) de uma universidade pública com (Idade média de 21 anos, DP = 5,7; e 60 % do sexo feminino). Os participantes foram divididos aleatoriamente em uma das duas

condições experimentais: sexismo pessoal (n = 100 responderam de acordo com a própria opinião), sexismo societal (n = 100 responderam de acordo com a opinião da sociedade). O tamanho da amostra deste estudo forneceu um poder de 80% de modo a detectar um tamanho de efeito de $d = 0.40$ ($\eta^2 p = 0,04$) com cálculo realizado no WebPower.

Procedimentos

Os participantes responderam a um questionário em ambientes coletivos. Baseamos a manipulação do sexismo em estudos anteriores (Camino et al., 2001; Devine, 1989, Lima et al., 2019). Os participantes leram um cenário sobre violência sexual e foram instruídos a responder os questionários de acordo com a sua opinião pessoal (condição de sexismo individual) ou de acordo com o que eles pensavam que a sociedade pensa (condição de sexismo societal).

Cenário

Criamos uma matéria sobre violência que consistia em uma suposta notícia retirada de um jornal local. A notícia, que apresentava o relato de uma vítima de violência no qual, uma estudante que havia ido à polícia denunciar o namorado que havia lhe estuprado, quando foram passar o final de semana em um sítio.

Especificamente, os participantes leram o seguinte texto:

“Uma estudante universitária de 21 anos foi à polícia registrar um boletim de ocorrência, alegando ter sido estuprada pelo seu namorado. Ela afirma que o fato ocorreu num hotel que fica numa praia do litoral sul, onde foram passar o fim de semana prolongado. O namorado da estudante foi interrogado pela polícia, mas negou o acontecido declarando que não tinha motivos para forçar relações sexuais com sua namorada.”

Medidas

Escala de Vitimização secundária. Os participantes responderam a uma medida de culpabilização da vítima. Esta medida foi desenvolvida e validada por Tavares (2019) e contém nove itens cujas respostas dos participantes são dadas numa escala de cinco pontos (1 = discordo muito (um); 5 = concordo muito). Esses itens avaliam três tipos de vitimização secundária: *Minimização do sofrimento* (e.g., “A estudante tem sofrido muito com as consequências dessa situação”; item invertido); *Culpabilização da vítima* (e.g., “A estudante tem uma parcela de culpa pelo que lhe aconteceu”); *Evitação da vítima* (e.g., “Você deseja dar abrigo à estudante até que a situação seja resolvida”). No presente estudo, a consistência interna foi elevada em cada uma das dimensões: culpabilização ($\alpha = 0,95$); minimização ($\alpha = 0,89$) e evitação da vítima ($\alpha = 0,87$).

Aceitação da violência no namoro. Os participantes responderam uma escala adaptada para o contexto brasileiro por Pimentel et al (2017). Esta escala é formada por três itens: “Um garoto com raiva o suficiente para bater em sua namorada deve amá-la muito”; “uma garota que faz ciúmes de propósito merece apanhar do seu namorado” e “as garotas às vezes merecem apanhar dos seus namorados”. Os respondentes indicaram o quanto concordam numa escala de quatro pontos (1 = discorda totalmente; 4 = concorda totalmente). A escala mostrou ter forte consistência ($\alpha = 0,93$).

Análise de dados

Para testar a hipótese de que a vitimização secundária medeia o efeito do sexismo societal no apoio a aceitação da violência contra as mulheres na relação de namoro, estimamos os parâmetros no software JAMOVI versão 1.2. (The jamovi project, 2019). No modelo, incluímos o sexismo societal como variável independente; vitimização secundária como mediadora.

Resultados

Checagem da Manipulação

A fim de verificar a eficácia da manipulação do sexismo societal (opinião pessoal vs. opinião da sociedade), realizamos um teste t independente. A pontuação dos participantes foi maior na condição da opinião da sociedade ($M = 2.15$; $DP = .82$), do que na condição opinião pessoal ($M = 1.09$; $DP = .26$), $t(198) = -12.1$ $p < .001$; d Cohen = 1.71.

Para testar a nossa hipótese de que a vitimização secundária medeia a relação entre sexismo societal e o apoio à violência contra a mulher, realizamos uma análise de mediação, utilizando o Software JAMOV (versão 1.2.). Nesta análise, nossa variável independente foi o sexismo societal (codificado com 0 = condição pessoal; 1 = condição societal), as dimensões da vitimização secundária foram as variáveis mediadoras e o apoio à violência contra mulheres foi variável dependente. A estimação dos parâmetros está apresentada na Figura 1.

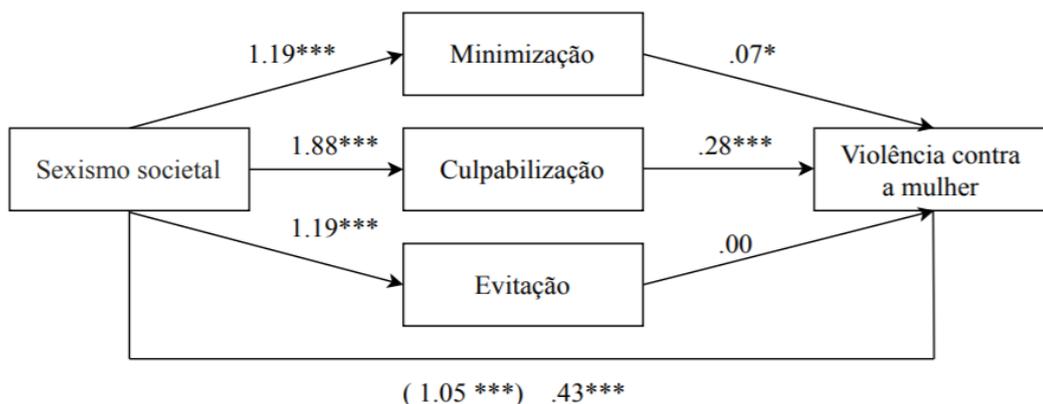


Figura 1: *Modelo de mediação com a vitimização secundária como mediadora entre o sexismo societal e aceitação da violência contra as mulheres.* * $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

Os resultados mostraram que o efeito total do sexismo societal na violência contra a mulher é significativo ($b = 1.05$, $SE = .08$, 95% $IC: .88; 1.22$). Observamos também que o efeito direto também é significativo (i.e., o efeito do sexismo no apoio à violência após termos considerado o efeito dos mediadores no modelo). Por fim, observamos que a influência do sexismo no apoio à violência é mediado significativamente pela minimização do sofrimento (*Mediado effect* = $.08$, $SE = .05$, 95% $IC: -.01; .18$) e pela culpabilização da vítima (*Mediado effect* = $.52$, $SE = .07$, 95% $IC: .37; .67$). Mais especificamente, os participantes da condição sexismo societal minimizaram mais o sofrimento da vítima ($M = 3.00$; $DP = .98$), do que os participantes da condição pessoal ($M = 1.81$; $DP = .71$), $b = 1.19$, $t = 9.79$, $p < .001$. De maneira similar, os participantes da condição societal culpabilizaram mais a vítima ($M = 3.33$; $DP = 1.29$), do que os da condição sexismo pessoal ($M = 1.45$; $DP = .69$), $b = 1.88$, $t = 12.9$, $p < .001$. Quanto mais os participantes minimizaram o sofrimento e culpabilizaram a vítima, mais eles apoiaram a violência contra a mulher no namoro.

Discussão

O Estudo 1 investigou se a vitimização secundária media a relação entre o sexismo societal e o apoio a violência contra as mulheres. Os resultados mostraram que o sexismo societal influenciou a violência contra a mulher. Além disso, mostraram também que essa influência foi mediada pela culpabilização da vítima e pela minimização do sofrimento. O presente estudo representa o primeiro passo no teste de nossa hipótese segundo a qual a relação entre o sexismo na aceitação da violência é

explicada pelo mecanismo psicológico, nomeada a vitimização secundária. Apesar deste estudo ter fornecido evidências sobre o papel da vitimização secundária no apoio a violência em mulheres com a manipulação do sexismo societal, não está claro o nível de apoio a violência e da manifestação do sexismo societal em um contexto de condição de alta e baixa crença no mundo justo. No Estudo 2, examinamos o papel da CMJ nessa relação, manipulando as condições de baixa e alta CMJ.

Estudo 2

No Estudo 2 daremos um passo adiante ao testarmos se a relação mediada pela vitimização secundária entre o preconceito societal e a aceitação da violência contra a mulher, encontrada no Estudo 1, é moderada pela CMJ, a qual ativamos de forma experimental (Hafer & Beguer, 2005). Mais especificamente, propomos a hipótese de que os indivíduos, na condição que a CMJ estiver saliente, responderão de maneira explícita a condição do sexismo societal, deslocando seu próprio preconceito para o outro, a fim de expressar suas atitudes menos igualitárias e sexistas contra mulheres. Já na condição em que a CMJ não for ativada (situação controle), os participantes apresentaram níveis menores de apoio a violência contra a mulher. O nosso argumento é o de os participantes perante o confronto com o cenário de uma vítima de infortúnio, sentirão seu senso de justiça ameaçado e se comportarão de modo a preservar a segurança de que o mundo é um lugar justo e organizado (Hafer & Beguer, 2005). Dito de outra forma, os indivíduos irão vitimizar mais à vítima pelo ocorrido, quando a crença estiver saliente e perante uma situação que é impossível reverter o sofrimento da vítima. Portanto, o apoio à violência será mais forte, o que faz com que pareça que a vítima recebeu o que mereceu, mantendo assim a crença de que o mundo é um lugar justo (Lerner, 1980).

Método

Participantes e design

Contamos com a participação de 204 universitários (82 mulheres e 122 homens) de uma universidade pública (Idade média de 24 anos, DP = 7,4; e 60 % do sexo masculino). Os participantes foram divididos aleatoriamente em uma das quatro condições em um desenho fatorial 2 (CMJ: saliente vs. controle) x 2 (sexismo societal: individual vs. sociedade).

Manipulação da CMJ

A coleta dos dados foi realizada de forma presencial. Manipulamos a saliência da CMJ usando os procedimentos empregues nas pesquisas de (Lima-Nunes et al., 2013b). Nesses procedimentos, os participantes são convidados a ler um texto sobre questões relacionadas a direitos envolvendo política, economia, entre outras questões, a qual afirmamos para os respondentes ser a resposta de um estudante de um estudo anterior. Na condição que a CMJ foi salientada os participantes liam o seguinte texto:

“Atualmente, o mundo passou por muitas mudanças: do clima à economia, das guerras aos conflitos familiares. No entanto, a justiça é a mesma para todos, o que torna possível viver em uma sociedade saudável. Para quem quebra as regras, há penalidades e vergonha social, e para quem obedece às leis, há serenidade e paz. Oportunidades de emprego, educação e moradia são possíveis para quem busca essas coisas através de seu esforço e dedicação. Felizmente, o mundo é justo para aqueles que merecem justiça no mundo.”

Na condição controle, os participantes liam um texto sobre bibliotecas, que não tinha relação com a CMJ. Após a leitura, os participantes responderam a algumas perguntas sobre o conteúdo do texto (por exemplo: “o quanto você acha que as bibliotecas são importantes para as universidades”; “quantas pessoas você conhece que frequentam biblioteca”).

Manipulação do sexismo societal

Usamos os procedimentos empregues nos estudos anteriores para a manipulação do preconceito societal (Camino et al., 2001; Devine, 1989, Lima et al.,2019). Na condição do sexismo societal, os participantes foram convidados a responder as medidas de acordo com a opinião pessoal (sexismo individual) ou de acordo com a opinião da sociedade (sexismo societal).

Medidas

Escala de vitimização secundária. Mesma escala do Estudo 1 com alfas para culpabilização ($\alpha = 0,50$); minimização ($\alpha = 0,84$) e evitação ($\alpha = 0,86$).

General Just World Scale (GBJW). Foi usada a escala de Crença Geral no Mundo Justo validada por Pimentel et. al. (2010) para mensurar a crença dos participantes. Os estudantes responderam aos seguintes itens em uma escala de cinco pontos (1= discordo muito; 5 = concordo muito) Exemplos de itens dessa escala: (“basicamente, o mundo em que vivemos é justo”; “ de uma maneira geral, as pessoas merecem aquilo que lhes acontece” “as injustiças em todas as áreas da vida constituem uma exceção à regra”). A medida demonstrou validade e confiabilidade ($\alpha = 0,73$).

Violência no namoro. Os participantes responderam à sub-escala de aceitação da violência no namoro, violência masculina, a mesma escala do Estudo 1 (alfa = 0,90).

Verificação da manipulação. A fim de verificar a eficácia da manipulação do sexismo societal (opinião pessoal vs. opinião da sociedade), realizamos um teste t independente. A pontuação dos participantes foi maior na condição opinião da sociedade (M = 1.81; DP = .79), do que na opinião pessoal (M = 1.16; DP = .32), $t(-7.58) = p < .001$; d Cohen = 1.06.

Análise de dados

Para testar a hipótese de que a vitimização secundária medeia o efeito do sexismo societal no apoio à aceitação da violência contra as mulheres e de que esse processo é moderado pela CMJ, estimamos um modelo de mediação-moderada no software JAMOVI (versão 1.2). No modelo, incluímos o sexismo societal como variável independente; as dimensões da vitimização secundária como mediadora; e a CMJ como variável moderadora.

Resultados

Para testar a hipótese de que há mediação moderada entre a vitimização secundária na relação do sexismo societal e o apoio a violência contra a mulher, com a CMJ como moderador desse processo, conduzimos modelos de regressão múltipla. Os parâmetros estimados, a partir de três passos, são mostrados na Tabela 1.

Tabela 1. *Estimação dos parâmetros, conforme o modelo de regressão realizado na análise do papel da vitimização secundária na relação entre sexismo societal e o apoio a violência contra a mulher.*

	Variáveis-critério				
	Passo 1: AVN	Passo 2: Culpabilização	Passo 2: Minimização	Passo 2 Evitação	Passo 3: AVN
Preditores	<i>b</i>	<i>b</i>	<i>b</i>	<i>b</i>	<i>b</i>
Intercepto	1.22	1.48	1.86	2.60	0.53
Sexismo (S)	.64***	1.14***	.59***	.67***	.30***
CMJ	-.12				-.11
S x CMJ	-.33				-.09
Culpa					.21***
Minimização x CMJ					.19*
Culpa x CMJ					-.28***
Informações do Modelo	<i>R</i> = .47 <i>R</i> ² Ajustado = .22 <i>F</i> (2, 201) = 30.0 <i>p</i> < .001	<i>R</i> = .32 <i>R</i> ² Ajustado = .09 <i>F</i> (2, 200) = 11.7 <i>p</i> < .001	<i>R</i> = .31 <i>R</i> ² Ajustado = .08 <i>F</i> (2, 201) = 10.9 <i>p</i> < .001	<i>R</i> = .33 <i>R</i> ² Ajustado = .10 <i>F</i> (2, 200) = 12.7 <i>p</i> < .001	<i>R</i> = .67 <i>R</i> ² Ajustado = .44 <i>F</i> (5, 197) = 33.3 <i>p</i> < .001

Nota. *b* coeficiente não padronizado. * $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

No primeiro passo, regredimos o AVN no sexismo societal, na CMJ e na interação (sexismo x CMJ). Os resultados mostraram que o efeito principal do sexismo previu a AVN de modo que os participantes na condição societal exprimiram maior apoio a violência ($M = 1.81$; $DP = 1.67$), do que os participantes da condição de preconceito individual ($M = 1.16$; $DP = .32$). O efeito principal da CMJ foi não significativo, mas houve um efeito de interação entre (sexismo x CMJ). A decomposição desse resultado nos diz que os participantes com baixa CMJ ($b = .81$; $SE = .11$; 95% IC .57- 1.04 $p < .001$) apoiaram mais a violência no namoro, do que os participantes com alta crença ($b = .48$; $SE = .11$; 95% IC .25- .71, $p < .001$).

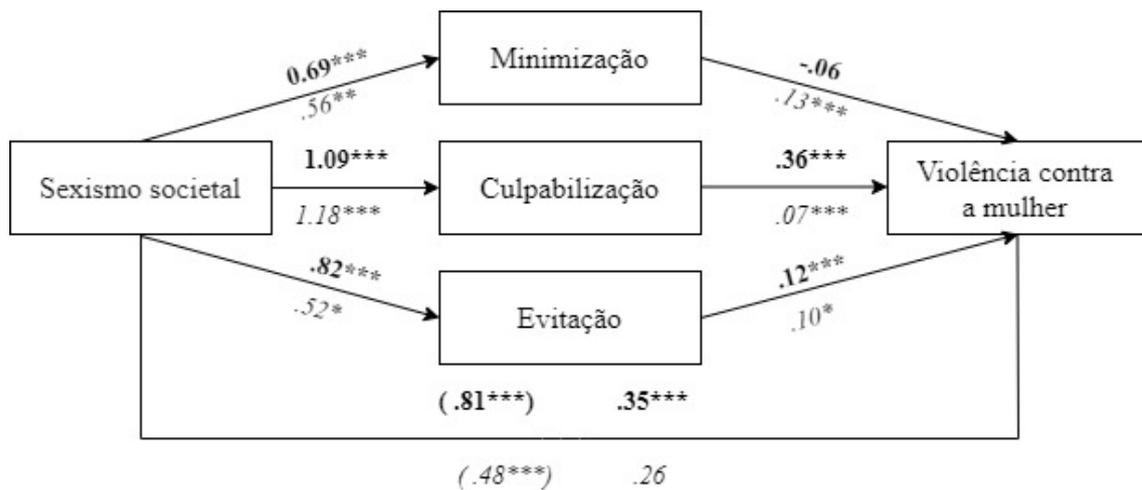
No segundo passo, regredimos a cada dimensão da vitimização secundária no sexismo societal, na CMJ e na interação (sexismo x CMJ). Os resultados mostraram que o sexismo societal prediz significativamente as dimensões da vitimização secundária, respectivamente, culpabilização; evitação e minimização. Isso significa que os participantes da condição societal apresentaram maior culpabilização ($M = 2.63$ $SE = 0.22$), minimização do sofrimento ($M = 2.45$ $SE = 0.10$), e evitação da vítima ($M = 3.22$ $SE = 0.10$) do que os participantes da condição preconceito pessoal ($M = 1.49$ $SE = 0.06$; $M = 1.86$ $SE = 0.07$; $M = 2.55$ $SE = 0.08$; respectivamente).

No terceiro passo, adicionamos a vitimização secundária e sua interação com a CMJ no modelo estimado para AVN. Os resultados mostraram-se significativos entre a culpabilização e o apoio à violência contra a mulher. Observamos, também, interações significativas de duas dimensões da vitimização secundária (culpabilização e minimização do sofrimento) a CMJ. A decomposição dessas interações indicou que a culpabilização prediz o apoio à violência contra as mulheres nos indivíduos com baixa CMJ ($b = .45$; $SE = .04$; 95% IC .36 - .54, $p < .001$), mas não para os indivíduos com alta

CMJ ($b = .14$; $SE = .02$; 95%IC $.09 - .19$, $p < .001$). Do mesmo modo, a minimização prediz essa violência nos participantes com baixa CMJ ($b = .39$; $SE = .06$; 95%IC $.26; .51$, $p < .001$), mas não para os participantes com alta CMJ ($b = .30$; $SE = .06$; 95%IC $.18; .41$, $p < .001$).

A síntese dos resultados indica que a influência do sexismo no apoio a violência é mediado pela culpabilização da vítima e pela minimização do sofrimento e que esta mediação é moderada pela CMJ.

Para melhor compreendermos o efeito da mediação moderada, estimamos os efeitos mediados para os indivíduos de baixa e alta CMJ. Na Figura 2 podemos observar que, nos participantes com baixos níveis de CMJ (-1DP), o efeito do sexismo no apoio à violência foi mediado pela culpabilização e evitação da vítima, isso significa que o sexismo é um preditor significativo da culpabilização e da minimização, que por sua vez são preditores do apoio à violência. Para os indivíduos com alta CMJ (+1DP), o efeito do sexismo societal no apoio à violência foi mediado pela vitimização secundária. Isto é, o sexismo societal previu a vitimização, que previu a aceitação da violência. Nos indivíduos com alta CMJ, ocorreu maior culpabilização ($M = 2.08$ $SE = 0.21$) e maior minimização do sofrimento ($M = 2.16$ $SE = 0.09$), do que na condição pessoal ($M = 2.03$ $SE = 0.11$); ($M = 2.15$ $SE = 0.09$), respectivamente. Os resultados mostraram-se contrários para evitação.



Nota. Nos participantes com alta CMJ, os coeficientes estão em itálico; nos com baixa CMJ, os coeficientes estão em negrito.

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

Figura 2. Efeito do sexismo societal no apoio à violência contra a mulher, mediado pela vitimização secundária e moderado pela CMJ.

Discussão

O Estudo 2 testou a hipótese de que a relação entre o sexismo societal e o apoio à violência contra a mulher seria mediado pela vitimização secundária e analisou se a CMJ seria um moderador dessa relação. Nossos resultados mostraram que o sexismo societal previu um maior apoio à violência contra a mulher e essa relação foi mediada

pela culpabilização da vítima, que previu apoio a violência contra elas. Assim como no Estudo 1, a culpabilização da vítima foi um fator importante do nosso modelo. A decomposição da interação entre o sexismo e a CMJ não suportaram a nossa hipótese central. Apesar disso, eles são consistentes com o mecanismo teórico subjacente a nossa previsão (de Lima et al., 2019; Linhares et al., 2020). Os participantes na condição societal expressaram maior apoio à violência contra a mulher, culpabilizaram mais a vítima e minimizaram seu sofrimento, embora não tenham evitado significativamente mais a vítima. Esse processo não foi mais forte em indivíduos com alta CMJ, conforme havíamos previsto, no entanto, o impacto da vitimização secundária no apoio a violência parece ser substancialmente mais forte.

Estudo 3

De acordo com a hipótese do mundo justo, a vitimização secundária poderá ocorrer com pessoas, quando elas ameaçam a crença de justiça no mundo (Lerner, 1980; Sebbly & Johnston). No entanto, quando as pessoas são confrontadas com uma vítima que recebeu algo que não mereceu, os princípios de merecimentos são violados, e a crença no mundo justo é ameaçada. Segundo Van den Bos e Maas (2009) essa ameaça é ainda mais forte, quando o agressor de um abuso não for preso ou quando a vítima de uma agressão sexual continua a sofrer com o que aconteceu. Além disso, a CMJ nos motiva a acreditar que coisas boas só acontecem com pessoas boas e coisas ruins, a pessoas ruins (Lerner, 1980). Neste caso, uma vítima de violência sexual descrita como sendo pessoa boa ameaçaria a crença no mundo justo de um observador, sugerindo que o evento negativo que ocorreu a essa vítima foi assim porque deverá ter feito algo por merecer o seu infortúnio. De fato, as pessoas precisarão restaurar a CMJ, o que reforça a motivação para o emprego de estratégias irracionais para com a vítima (Correia, 2000), como a culpabilização; a minimização ou a evitação de contato. No entanto, as reações

negativas para uma vítima descrita como uma má pessoa, ao invés de ameaçar a CMJ, afirmaria essa crença, pois esta crença prevê que coisas ruins ocorrem com más pessoas. No Estudo 3, testamos a hipótese de que a aceitação da violência contra a mulher ocorrerá em duas situações: ameaça à crença no mundo justo; não ameaça à essa crença. A nossa previsão é a de que a vitimização ocorrerá de maneira mais forte na situação em que o mundo justo foi ameaçado. Como no Estudo 1 e 2, também investigaremos o papel mediador da vitimização secundária na relação entre o sexismo societal e a aceitação da violência contra a mulher no relacionamento.

Método

Participantes e design

Este estudo teve a participação de 309 pessoas da população geral. Quatro participantes com idade menor que dezoito anos foram excluídos. De modo que a amostra final foi composta por 305 participantes (68,9 %) do sexo feminino com média de idade = 26,8 anos (DP = 8, 29). A maioria dos participantes se declarou solteira, (77,0 %). 33,8% declararam o status de relacionamento como namorando. (38,0%) se identificou de classe média-baixa. Os participantes foram distribuídos aleatoriamente em uma de quatro condições num desenho fatorial do tipo 2 (CMJ: ameaça vs. não ameaça) x (Sexismo societal: opinião pessoal vs. opinião da sociedade).

Procedimentos

Os participantes foram recrutados de forma online através das redes sociais, como Facebook, Instagram, WhatsApp para responderem a um questionário via Qualtrics Platform (Qualtrics, 2014). Os respondentes foram convidados a ler o termo de consentimento livre e esclarecido e foram informados sobre a participação voluntária

e o anonimato das respostas, bem como que poderiam interromper o estudo a qualquer momento.

Manipulação à Ameaça da CMJ

No formulário, havia uma notícia fictícia sobre uma estudante, a mesma do Estudo 1. Foi acrescentado o nome da vítima, nomeada por Maria, bem como algumas características dela, apresentadas a seguir:

“Maria é uma pessoa genuinamente boa segundo todas as pessoas que conhece. Ela acredita na dignidade inerente e no valor de todos os seres humanos. Como suas ações são guiadas pelo espírito de curiosidade, entusiasmo, amor, bondade, trabalho em equipe, perdão e gratidão.

Realmente, Maria é uma pessoa extremamente justa quando toma decisões importantes em relação a outras pessoas, mesmo quando não conhece. Ela é aquela pessoa com quem pode contar para ajudar quando mais precisa e termos uma palavra de esperança porque, para ela, a justiça sempre vence uma injustiça. Contudo, os últimos acontecimentos em sua vida não refletiram uma boa pessoa que ela é.

Como podemos ver, este caso mostra que as coisas ruins ocorrem com relativa frequência na vida das pessoas boas. Mas também poderá ocorrer com pessoas como você. Analisando e pensando bem sobre os eventos de nossas vidas, a situação de Maria indica que não temos controle sobre o nosso destino. Isto mostra que não sabemos se merecemos aquilo que nos acontece”.

Na condição de não ameaça da CMJ, os participantes liam a mesma notícia, mas dessa vez, não era apresentada nenhuma característica sobre Maria.

Manipulação do sexismo societal

A manipulação do sexismo ocorreu da mesma forma que no Estudo 1 e 2, conforme os procedimentos utilizados nos estudos de preconceito societal (Camino et al., 2001; Devine, 1989; Lima et al., 2019).

Medidas

Após a leitura, pedíamos aos participantes que respondessem à medida de crença geral no mundo justo, validada por Pimentel et al., (2010). Composta por seis itens, variando de (1 = discordo muito, a 5 = concordo muito), $\alpha = 0.73$ e $\omega = 0.74$.

Escala de Vitimização Secundária. Desenvolvida e validada por Tavares et al, (2020), composta por nove itens em três dimensões: *minimização do sofrimento* ($\alpha = 0.33$ $\omega = 0.50$); *culpabilização da vítima* ($\alpha = 0.80$ $\omega = 0.81$); *evitação de contato* ($\alpha = 0.93$ $\omega = 0.93$). Os itens foram avaliados numa escala Likert de 5 pontos (1 = discordo muito; 5 = concordo muito).

Aceitação da violência no namoro. Utilizamos a mesma sub-escala do Estudo 1 e 2. ($\alpha = 0.94$).

Verificação das manipulações

Para testar a eficácia da manipulação do sexismo societal dos participantes da condição (opinião pessoal vs. opinião da sociedade). Realizamos um teste t para amostras independentes. Como esperado, a pontuação dos participantes foi maior na condição opinião da sociedade ($M = 1.94$; $DP = .92$), do que na condição opinião pessoal ($M = 1.10$; $DP = .29$), $t(302) = -10.9$ $p < .001$; Cohen - $d = -1.25$.

Testamos a eficácia da manipulação da ameaça da CMJ dos participantes a partir das condições (ameaça vs. não ameaça). O resultado foi contrário à nossa previsão. Os participantes da condição de não ameaça ($M = 2.20$; $DP = .60$) tiveram uma pontuação

maior, do que os participantes da condição da ameaça ($M = 2.17$; $DP = .64$), $t(303) = .41$, $p < .676$; d Cohen $.04$.

Análise dos Dados

Para testar o efeito do sexismo na aceitação da violência mediado pela vitimização secundária e moderado pela ameaça à CMJ foram realizadas análises de regressão múltipla e análise de mediação-moderada no software JAMOVI. Versão 1.2.9.

Resultados

Para testar se a relação entre o sexismo societal e a aceitação da violência contra a mulher na relação de namoro é mediado pela vitimização secundária e moderado pela ameaça à CMJ, estimamos três modelos de regressão. Os três momentos da análise são detalhados a seguir na Tabela 2.

Tabela 2. Parâmetros estimados no modelo de regressão na análise do efeito do sexismo social na aceitação da violência contra a mulher mediado pela vitimização secundária e moderado pela ameaça da CMJ.

	Variáveis-critério				
	Passo 1: AVN	Passo 2: Culpabilização	Passo 2: Minimização	Passo 2 Evitação	Passo 3: AVN
Preditores	<i>b</i>	<i>b</i>	<i>b</i>	<i>b</i>	<i>b</i>
Intercepto	1.52	1.43	3.06	2.77	0.84
Sexismo (S)	.84***	.10	.91***	-1.86***	.084***
ACMJ	-.02	-0.14*			-.60
S x ACMJ	-.11			-0.30*	.24
Culpa					.17*
Minimização					.24**
Evitação					-0.11*
Informações do Modelo	<i>R</i> = .53 <i>R</i> ² Ajustado = .27 <i>F</i> (3, 300) = 33.3 <i>p</i> < .001	<i>R</i> = .15 <i>R</i> ² Ajustado = .01 <i>F</i> (3, 300) = 2.57 <i>p</i> < .054	<i>R</i> = .66 <i>R</i> ² Ajustado = .44 <i>F</i> (3, 300) = 81.2 <i>p</i> < .001	<i>R</i> = .77 <i>R</i> ² Ajustado = .58 <i>F</i> (3, 300) = 145 <i>p</i> < .001	<i>R</i> = .56 <i>R</i> ² Ajustado = .29 <i>F</i> (9, 294) = 15.3 <i>p</i> < .001

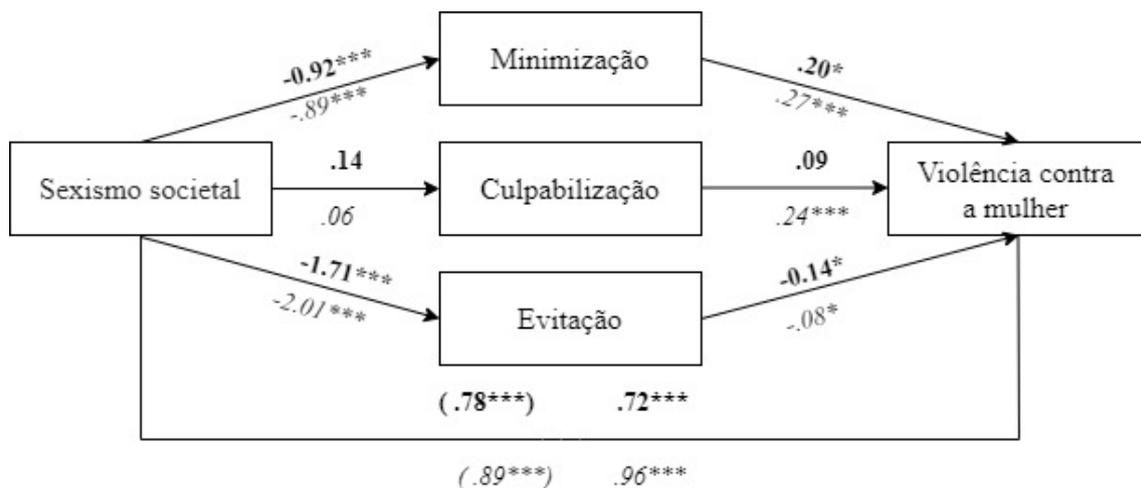
Nota: *b* coeficientes não padronizados * $p < 0.05$. ** $p < 0.01$. *** $p < 0.001$.

Inicialmente, no Passo 1, regredimos a aceitação da violência no namoro em função do sexismo social, da manipulação da CMJ e da interação entre (sexismo x ameaça CMJ). Os resultados mostraram que o efeito principal do sexismo prediz a aceitação da violência contra a mulher, de modo que os participantes na condição societal apoiaram mais a violência ($M = 1.94$ $DP = 2.0$) do que da condição preconceito pessoal ($M = 1.10$ $DP = 0.29$). A ameaça à CMJ e a interação entre (Sexismo x Ameaça da CMJ) foram não significativos.

No segundo passo, regredimos as dimensões da vitimização secundária, respectivamente, culpabilização, minimização e evitação da vítima no sexismo societal, da ameaça da CMJ e da interação entre (sexismo vs. ameaça CMJ). Os resultados mostraram um efeito significativo do sexismo na minimização do sofrimento e na evitação da vítima. Isso significa que os participantes da condição preconceito pessoal minimizaram menos o sofrimento ($M = 3.52$ $SE = 0.03$) e evitaram mais o contato com a vítima ($M = 3.71$ $SE = 0.07$) do que os participantes da condição societal, respectivamente, ($M = 2.61$ $SE = 0.04$); ($M = 1.85$ $SE = 0.05$). Além disso, houve um efeito da Ameaça da CMJ na culpabilização da vítima, o que sugere que os participantes da condição de não ameaça culpabilizaram mais a vítima ($M = 1.50$ $SE = 0.04$) do que os participantes da condição de ameaça CMJ ($M = 1.36$ $SE = 0.04$). Além desse resultado, observamos também um efeito de interação marginalmente significativo entre sexismo societal x ameaça CMJ na dimensão evitação: o sexismo prediz mais fortemente a evitação da vítima para os participantes da condição ameaça CMJ ($b = -2.01$; $SE = .12$; $95\%IC -2.26 - -1.76$, $p < .001$), do que para os participantes da condição de não ameaça da CMJ ($b = -1.71$; $SE = .12$; $95\%IC -1.96 - -1.46$, $p < .001$), isso mostra

que a mediação da evitação é moderada pela ameaça à CMJ. A interpretação dessa mediação moderada pode ser visualizada na Figura 3.

A mediação-moderada pode ser mais bem interpretada ao analisarmos o efeito do sexismo societal na aceitação da violência contra a mulher, tendo em conta as condições de ameaça da CMJ e não ameaça. Para aqueles participantes que tiveram a CMJ ameaçada, o efeito do sexismo na aceitação da violência foi mediado pela dimensão evitação da vítima (*Efeito mediado* = .16; SE = 0.09; 95% CI: -0.02 – 0.35). Para os participantes que não tiveram a CMJ ameaçada, o sexismo previu a evitação mais de maneira menos forte.



Nota. Nos participantes com ameaça CMJ, os coeficientes estão em itálico; nos com não ameaça CMJ, os coeficientes estão em negrito.

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

Figura 3. Efeito do sexismo societal no apoio à violência contra a mulher, mediado pela vitimização secundária e moderado pela CMJ.

No passo três regredimos a vitimização secundária e o termo de interação (sexismo x ameaça da CMJ) juntamente a equação estimada no primeiro passo, com a aceitação da violência contra a mulher como variável critério. Os resultados mostraram que houve um efeito significativo do sexismo societal na aceitação da violência, igual ao do primeiro passo. Além disso, o efeito da vitimização secundária na aceitação da violência contra a mulher mostrou-se significante. Isso significa que a vitimização secundária explica parcialmente a relação entre o sexismo e a aceitação da violência contra a mulher no contexto de namoro. Salientamos que não houve efeitos de interação entre a ameaça da CMJ e as dimensões da vitimização.

Discussão

No Estudo 3 replicamos o processo de mediação-modera do Estudo 2. Porém, dessa vez, manipulando a ameaça à CMJ (Ameaça vs. Não ameaça). A hipótese testada foi a de que a vitimização secundária e a aceitação da violência contra a mulher na relação de namoro seriam mais fortes na situação em que a crença do mundo justo fosse ameaçada, ou seja, quando coisas ruins ocorressem com pessoas boas. Os resultados mostraram que o sexismo societal previu maior aceitação da violência contra a mulher e que esse processo foi mediado pela minimização do sofrimento e evitação do contato com a vítima de violência. Diferente do que ocorreu nos Estudos anteriores, a culpabilização da vítima não explicou a relação do sexismo na aceitação no modelo, no entanto, as evidências encontradas sobre o papel da vitimização secundária na legitimação da violência contra uma mulher em um contexto de namoro foram complementadas neste estudo. A decomposição da interação entre o sexismo e a ameaça à CMJ na evitação da vítima demonstra que os observadores sentiram sua CMJ ameaçada, sugerindo que contextos onde a vítima não fez por merecer o que lhe aconteceu, podem acarretar consequências irracionais da vitimização secundária

(Dawtry et al., 2020; Kleinke & Meyer, 1990; Linhares et al., 2020). Os participantes da condição preconceito individual minimizaram o sofrimento e evitaram mais o contato com a vítima. Isso é preocupante, pois reflete o impacto do sexismo, mesmo perante normas mais igualitárias (Lima et al., 2019). Por fim, destacamos que a mediação da vitimização secundária ocorreu nas dimensões minimização do sofrimento e evitação da vítima, tanto nos participantes da condição de ameaça como de não ameaça à CMJ. Diferente dos Estudos anteriores, a dimensão da culpabilização foi não significativa. No geral, os resultados encontrados sugerem que reações negativas envolvem estereótipos negativos em relação às mulheres, o que é fundamental para compreender o papel do mecanismo psicológico associado a CMJ, tal como apresentado por outros estudos (Dawtry et al., 2020; Kleinke & Meyer, 1990; Linhares et al., 2020).

Discussão Geral

Nos Estudos apresentados, investigamos se a vitimização secundária mediaria a relação entre o sexismo societal e a aceitação da violência contra a mulher na relação de namoro (Estudo 1) e se essa relação poderia ser moderada pela crença no mundo justo (Estudo 2). Procuramos também analisar se o papel mediador da vitimização secundária na aceitação da violência seria mais forte quando a crença em um mundo justo estivesse ameaçada (Estudo 3). Algumas de nossas principais hipóteses foram sustentadas. Nos três estudos, os participantes com mais sexismo, e aqueles que estiveram na condição de sexismo societal, foram os que mais usaram estratégias de vitimização secundária, o que, por sua vez, influenciou uma maior aceitação da violência contra a mulher.

A evitação do contato, entretanto, não contribuiu significativamente para o modelo de mediação (Estudo 1); No Estudo 2, o efeito de mediação-moderada da CMJ foi mais forte na situação em que esta crença não estava saliente do que quando ela estava. Além disso, os resultados do Estudo 3 forneceram suporte complementar para a

hipótese segundo a qual a vitimização secundária seria o mecanismo psicológico que mediaría a relação entre o sexismo e a aceitação da violência contra a mulher. Embora não tenha havido efeito da culpabilização da vítima nessa aceitação, houve um efeito de mediação-moderada, mais especificamente, para os participantes da condição de não ameaça, do que para os que tiveram a CMJ ameaça, na dimensão evitação do contato, de modo que os indivíduos mais sexistas, na condição de preconceito individual, evitaram mais a vítima, do que os participantes da condição de sexismo societal. Discutimos a seguir a importância desses achados, salientando algumas limitações dos estudos e recomendando pesquisas futuras envolvendo a CMJ no quadro da violência de gênero.

Implicações teóricas

Nossa pesquisa apoiou resultados de estudos anteriores (Kleinke & Meyer, 1990; Linhares et al., 2020; Mateus & Pereira, 2020; Tavares et al., 2019). No entanto, fomos um pouco além ao abordar três dimensões da vitimização secundária conjuntamente. Várias pesquisas demonstraram o efeito da culpabilização em mulheres vítimas de violência sexual, bem como a diferença de gênero do observador (Kleinke & Meyer, 1990; Linhares et al., 2020; Correia et al., 2015). No entanto, o presente conjunto de estudos foi o primeiro a investigar um mecanismo de legitimação da violência contra a mulher nas relações amorosas, situando o problema no quadro da teoria sobre a CMJ, mais especificamente o mecanismo psicológico da vitimização secundária, bem como sua relação no sexismo societal na aceitação. Nosso trabalho contribui potencialmente com um modelo explicativo que ajuda a compreender por que as pessoas parecem subscrever de forma mais expressa ou tácita a violência contra a mulher no contexto de relações interpessoais, como a de namoro.

Os resultados encontrados no Estudo 1 evidenciam que, o deslocamento da responsabilização pessoal do preconceito para a sociedade (i.e, sexismo societal) levou

os participantes a culpabilizarem e a minimizarem o sofrimento da vítima de violência, isso, por sua vez, reforça os resultados encontrados em estudos publicados anteriormente (Correia et al., 2015; Tavares et al., 2019; Mateus & Pereira., 2020). Não foi encontrado efeitos da evitação da vítima, reforçando descobertas de estudos anteriores (Mateus & Pereira., 2020; Paiva et al., 2020). Esses resultados mostram que o sexismo societal motiva as pessoas a perceberem que uma mulher pode ser abusada ou sofrer violência no relacionamento e sofrer as consequências negativas dessa violência, e não somente do abuso que lhe acometeu, bem como das reações negativas dos observadores, os quais envolve os sistemas da sociedade (e.i., sociais, justiça, mídia), e crenças negativas em relação ao seu gênero, as quais, por sua vez, influenciam a legitimar a violência.

Os Estudos 2 e 3 foram além ao testar de forma experimental (Hafer & Bègue, 2005; Lima-Nunes et al., 2013) se o efeito do sexismo societal na aceitação da violência contra a mulher seria mediado pela vitimização secundária e moderado pela saliência da CMJ (Estudo 2), bem como a ameaça à CMJ (Estudo 3). Os resultados desses Estudos podem ser interpretados à luz das pesquisas sobre o motivo de justiça (Lerner, 1980). Segundo essas pesquisas, as pessoas são motivadas a reagirem perante uma vítima, a partir do mecanismo psicológico e comportamental cuja necessidade é movida por manter o equilíbrio cognitivo e a ilusão de um mundo justo, seguro e organizado (Correia & Vala, 2003). O Estudo 2 mostrou que os indivíduos da condição societal culpabilizam e minimizam o sofrimento de uma mulher vítima de violência, esse processo ocorreu de maneira mais forte nos participantes que não tiveram a CMJ saliente, do que nos que tiveram. Essa mediação-moderada mostrou que a vitimização secundária é o mecanismo que explica a influência do sexismo no apoio a violência contra a mulher, especialmente para aquelas pessoas que não tiveram a CMJ salientada.

Uma possível explicação para esse resultado, parece ser o fato de a vítima ser uma mulher, alto de sexismo, o que, por sua vez, parece oferecer menos risco a manutenção da CMJ, corroborando com o resultado de pesquisas já realizadas (Kleinke & Meyer, 1990; Modesto & Pilati, 2017).

O papel da mediação-moderada pela ameaça à CMJ (Estudo 3) revelou um efeito de mediação nas dimensões minimização do sofrimento e evitação do contato, mostrando que os participantes da condição de preconceito individual vitimizaram mais a vítima (e.g.; minimizando; evitando o contato), especialmente na condição em que a CMJ não foi ameaçada, mas também na condição que a CMJ foi ameaçada. Porém os resultados na dimensão evitação da vítima sugerem que a relação entre o sexismo e a evitação do contato foi moderada pela ameaça à CMJ. Isso significa que os indivíduos que não tiveram sua CMJ ameaçada foram mais preconceituosos em relação à vítima e, por sua vez, evitaram mais o contato com ela. Esses resultados vão ao encontro do pressuposto central da teoria do mundo justo (Lerner, 1980), segundo o qual coisas boas acometem com pessoas boas e coisas ruins acometem aquelas pessoas que são ruins. Dito de outra forma, mesmo a vítima não merecendo a situação que lhe aconteceu, os participantes reagiram de forma mais negativa com ela, e, por sua vez, apoiaram mais a violência que ela sofreu.

As descobertas desta pesquisa também avançam em relação a achados anteriores sobre o sexismo societal (Camino et al., 2001; de Lima et al., 2019), bem como contribuem para a compreensão do fenômeno da violência contra a mulher. Pesquisas mostraram que as ações da vítimas em relação à violência sofrida também podem afetar a forma como ela é vista pelos observadores (Naseralla & Warner, 2020). Neste sentido, no Estudo 3, uma possível explicação para a vítima de violência não ter sido culpabilizada pode ser devido a percepção dos observadores em relação à vítima, como

alguém não responsável pelo que lhe ocorreu. Essa compreensão indica a necessidade de analisar previsões em que a vítima colabora para restaurar a justiça.

Além disso, parece ser interessante analisar a legitimação da violência contra a mulher à luz de outras teorias, como a teoria do sexismo ambivalente (Glick & Fisk, 1996) e a teoria de orientação para dominância social (Sidanius & Pratto, 1999), as quais parecem ajudar a explicar a maneira como as pessoas avaliam uma vítima. Com base em Glick e Fisk (1996) ideologias ou mitos parecem servir para legitimar a discriminação contra grupos minoritários, enquanto à luz da teoria da dominância social (Sidanius & Pratto, 1999) o sexismo seria o mito legitimador de hierarquias.

Nos relacionamentos de namoro é possível observar demonstrações da dominação masculina sobre a mulher (i.e., demonstração de raiva ou desvalorização), bem como as atitudes estereotipadas em tons positivos que de certa maneira restringem as mulheres a determinados papéis na sociedade (Glick & Fisk, 1996). Dessa forma, as duas teorias complementarizam a compreensão de uma estrutura que se impõe na sociedade, a qual parece servir para sustentação de um propósito, isto é, a perpetuação das desigualdades sociais (Pereira et al., 2019).

Por fim, ressaltamos que na literatura não encontramos pesquisas que tenham testado o papel da vitimização utilizando as três dimensões conjuntamente, da CMJ, e do sexismo societal no âmbito das relações amorosas, associada ao gênero, a qual envolveu uma vítima que tinha uma proximidade com o seu perpetrador. É preciso que estudos futuros testem hipóteses com variados cenários que envolvam condições em que exponham a maneira como a vítima se comporta, bem como o vínculo dela com o agressor.

Implicações práticas

A violência nas relações de namoro contra mulheres e meninas é um problema prevalente. Esta pesquisa apresenta um modelo que pode ajudar a pensar e aprimorar as estratégias de prevenção primária ou outras estratégias de intervenção para ajudar no combate desse fenômeno tão presente no Brasil e no mundo. O efeito do preconceito nesta pesquisa reflete que a legitimação da violência contra a mulher parece ser um reflexo da desigualdade de gênero, a qual mostra-se tão acentuada na crise sanitária da COVID-19 (ONU, 2020).

Limitações e direções futuras

Nossa pesquisa focou na aceitação da violência contra mulheres na relação de namoro, além da influência do sexismo societal nesse apoio, no âmbito da CMJ e seus correlatos, como a vitimização secundária. No entanto, muitas pesquisas mostraram as reações das pessoas em relação a uma variedade de vítimas pertencentes a grupos minoritários, em outros níveis de análises ou mesmo em contexto individual e intergrupar, examinando a hipótese da crença em um mundo justo (Correia et al., 2007; Lerner, 1980; Linhares et al., 2020; Mateus & Pereira, 2020; Mendonça et al., 2016) contribuindo para o avanço teórico, sem, contudo, acrescentar o contexto de namoro. À luz desses achados, é essencial investigar também a influência do sexismo ambivalente em mulheres pertencentes a determinadas categorias sociais, como as que pertencem a minorias sexuais e as que estejam em relações conjugais, algo que não fizemos nessa pesquisa e que pesquisas futuras poderão mostrar efeitos semelhantes ou mais fortes.

Além disso, manipulamos a saliência da CMJ (Estudo 3) e a ameaça da CMJ (Estudo 2) separadamente, embora tenha sido adequada para encontrar os efeitos da CMJ nas situações de não saliência e de não ameaça. Pesquisas futuras poderão examinar as duas manipulações em conjunto, com cenários que destacassem mais o sofrimento da vítima, podendo substituir as vinhetas por vídeo. Pesquisas mostraram

que contextos mais impactantes relataram maiores efeitos de desvalorização de uma vítima (Dawtry et al., 2020).

Os resultados dos Estudos corroboram com muitas pesquisas desenvolvidas anteriormente que mostraram a desvalorização de mulheres vítimas de violência sexual; vítimas acometidas com AIDS; vítimas pertencentes a minorias sexuais. Este conjunto de estudos torna-se relevante por mostrar o papel da vitimização secundária em pelo menos três dimensões, enquanto mecanismo que explica a relação do preconceito no apoio a violência em mulheres, moderado pela CMJ.

Finalmente, embora a amostra tenha sido de estudantes universitários, procuramos eliminar o viés produzido pela seleção de classe específicas, uma vez que o estudo envolveu estudantes de vários cursos da universidade, além de recrutarmos uma amostra mais heterogênea para o Estudo 3, o qual foi aplicado na população geral. Outra limitação diz respeito aos dados terem sido coletados a partir de medidas de autorrelato, de modo que o viés de desejabilidade social poderá ter influenciado as respostas. Além disso, pensamos que pesquisas futuras poderiam utilizar vídeos, além dos cenários, de modo a analisar o efeito, a partir dessas mudanças. Apesar dessas limitações, os nossos achados são uma pista importante para a compreensão da relação entre a teoria do mundo justo e o problema da violência contra as mulheres nos relacionamentos de namoro e sua relação com a questão de gênero.

Conclusão

A violência no namoro tornou-se uma questão recorrente. Parece também que a aceitação de agressões e abusos nesses relacionamentos interpessoais têm sido motivadas por aspectos psicossociais presentes na maioria das sociedades. A partir desses estudos, foi possível demonstrar o papel da vitimização secundária subjacente à

legitimação da violência contra mulheres que estão em uma relação de namoro. Além disso, os resultados destes estudos oferecem indicações sobre a expressão do preconceito, mesmo diante de normas igualitárias nas sociedades ocidentais, sugerindo que o preconceito contra as mulheres parece exercer uma função de legitimação das desigualdades de gênero, quando infiltrado nas relações de interação mais pessoais, como nas relações de namoro. Além disso, esta pesquisa corroborou com o pressuposto da teoria do mundo justo de que cada um tem o que merece, mesmo quando a vítima não mereceu o infortúnio (Lerner, 1980).

No geral, os resultados indicam que o fenômeno da vitimização secundária pode ter implicações para as mulheres no contexto das relações amorosas. Conforme os resultados dos Estudos, os indivíduos culpabilizaram, minimizaram o sofrimento e evitaram o contato com as vítimas, isso significa que essas reações negativas podem ocorrer independente do preconceito dos indivíduos em relação às mulheres. Esses resultados mostram que as vítimas poderão sofrer a primeira violação, bem como as reações negativas da sociedade, sobretudo por serem ou não percebidas como ameaça para CMJ dos observadores.

Referências

- Abrams, D., Viki, G. T., Masser, B., & Bohner, G. (2003). Perceptions of stranger and acquaintance rape: The role of benevolent and hostile sexism in victim blame and rape proclivity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 84(1), 111–125. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.84.1.111>
- Aguiar, P., Vala, J., Correia, I., & Pereira, C. (2008). Justice in Our World and in that of Others: Belief in a Just World and Reactions to Victims. *Social Justice Research*, 21(1), 50–68. <https://doi.org/10.1007/s11211-007-0059-3>
- Ali, P. A., Dhingra, K., & McGarry, J. (2016). A literature review of intimate partner violence and its classifications. *Aggression and Violent Behavior*, 31, 16–25. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2016.06.008>
- Atlas da violência (2020). Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada: Ministério da Economia. https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=36488&Itemid=432
- Brickman, P., & et al. (1982). Models of helping and coping. *American Psychologist*, 37(4), 368–384. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.37.4.368>
- Cihangir, S., Barreto, M., & Ellemers, N. (2014). Men as Allies Against Sexism. *SAGE Open*, 4(2), 215824401453916. <https://doi.org/10.1177/2158244014539168>
- Correia, I. F. (2000). A Teoria da Crença no Mundo Justo e a Vitimização Secundária: Estudos empíricos e desenvolvimentos teóricos. *Psicologia*, 14(2), 253–283. <https://doi.org/10.1002/masy.200451328>
- Correia, I., Pereira, C. R., & Vala, J. (2018). Under victimization by an outgroup: Belief

in a just world, national identification, and ingroup blame. *Frontiers in Psychology*, 9(JUL). <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.01160>

Correia, I., & Vala, J. (2003a). Crença no mundo justo e vitimização secundária : O papel moderador da inocência da vítima e da persistência do sofrimento (*). *Análise Psicológica*, 3(XXI), 341–352. <https://doi.org/10.14417/ap.15>

Correia, I., & Vala, J. (2003b). When will a victim be secondarily victimized? The effect of observer's belief in a just world, victim's innocence and persistence of suffering. *Social Justice Research*, 16(4), 379–400. <https://doi.org/10.1023/A:1026313716185>

Dawtry, R. J., Callan, M. J., Harvey, A. J., & Gheorghiu, A. I. (2020). Victims, Vignettes, and Videos: Meta-Analytic and Experimental Evidence That Emotional Impact Enhances the Derogation of Innocent Victims. *Personality and Social Psychology Review*, 24(3), 233–259. <https://doi.org/10.1177/1088868320914208>

de Lima, T. J. S., Pereira, C. R., Rosas Torres, A. R., Cunha de Souza, L. E., & Albuquerque, I. M. (2019). Black people are convicted more for being black than for being poor: The role of social norms and cultural prejudice on biased racial judgments. *PLOS ONE*, 14(9), e0222874. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0222874>

Furnham, A. (2003). Belief in a just world: Research progress over the past decade. *Personality and Individual Differences*, 34(5), 795–817. [https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(02\)00072-7](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(02)00072-7)

Garaigordobil, M., & Aliri, J. (2013). Relaciones del sexismo con justificación de la violencia, y con otras formas de prejuicio como la dominancia social y el autoritarismo. *Estudios de Psicología*, 34(2), 127–139.

<https://doi.org/10.1174/021093913806751384>

Garcia, L., Soria, C., & Hurwitz, E. L. (2007). Homicides and intimate partner violence: a literature review. *Trauma, Violence & Abuse*, 8(4), 370–383.

<https://doi.org/10.1177/1524838007307294>

Glick, P., & Fiske, S. T. (2001). An ambivalent alliance: Hostile and benevolent sexism as complementary justifications for gender inequality. *American Psychologist*, 56(2), 109–118. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.56.2.109>

Gravelin, C. R., Biernat, M., & Bucher, C. E. (2019). Blaming the victim of acquaintance rape: Individual, situational, and sociocultural factors. In *Frontiers in Psychology* (Vol. 9, Issue JAN, p. 2422). Frontiers Media S.A.

<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.02422>

Jackson, S. M. (1999). Issues in the dating violence research: A review of the literature. *Aggression and Violent Behavior*, 4(2), 233–247. [https://doi.org/10.1016/S1359-1789\(97\)00049-9](https://doi.org/10.1016/S1359-1789(97)00049-9)

Kleinke, C. L., & Meyer, C. (1990). Evaluation of Rape Victim By Men and Women With High and Low Belief in a Just World. *Psychology of Women Quarterly*, 14(3), 343–353. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1990.tb00024.x>

Lichter, E. L., & McCloskey, L. A. (2004). The Effects of Childhood Exposure to Marital Violence on Adolescent Gender-Role Beliefs and Dating Violence. *Psychology of Women Quarterly*, 28(4), 344–357. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.2004.00151.x>

Lima-Nunes, A., Pereira, C. R., & Correia, I. (2013a). Restricting the scope of justice to justify discrimination: The role played by justice perceptions in discrimination

against immigrants. *European Journal of Social Psychology*, 43(7), 627–636.

<https://doi.org/10.1002/ejsp.1981>

Lima-Nunes, A., Pereira, C. R., & Correia, I. (2013b). Restricting the scope of justice to justify discrimination: The role played by justice perceptions in discrimination against immigrants. *European Journal of Social Psychology*, 43(7), 627–636.

<https://doi.org/10.1002/ejsp.1981>

Linhares, L. V., & Torres A. R. R. (2020). She deserved what happened: Analysis of the processes of blaming the victim of sexual violence. [Paper submitted to publication]. Department of Psychology, Federal University of Paraíba.

Machado, A., & Roberto Pereira, C. (2001). *A face oculta do racismo no Brasil: Uma análise psicossociológica*. <https://www.researchgate.net/publication/235920706>

Mateus, K. S., & Pereira, C. R. (2020). System justification in the social explanation of the violence against minority groups. [Paper submitted to Publication]. Department of Psychology, Federal University of Paraíba.

Modesto, J. G., & Pilati, R. (2017). "Nem todas as vítimas importam": crenças no mundo justo, relações intergrupais e responsabilização de vítimas. *Temas psicol*, 25 (2), 763.

Naseralla, E. J., & Warner, R. H. (2020). The role of reporting in the evaluation of rape victims. *European Journal of Social Psychology*, 50(5), 1032–1045.

<https://doi.org/10.1002/ejsp.2654>

Organização da Nações Unidas. 2020. Prevenção da violência contra mulheres diante da COVID-19 na América Latina e no Caribe. Disponível online: (14/03/2021) de:

<https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/05/BRIEF->

PORTUGUES.pdf

Paiva, T. T., Pereira, C. R., Pimentel, C. E., & Silva, E. M. L. (2020). Development and validation of the acceptance of violence against women scale (AVAWS). [Paper submitted to Publication]. Department of Psychology, Federal University of Paraíba.

Pereira, C. R., Mateus, K. S., & Santos, M. F. (2019). Do preconceito à discriminação: o papel da legitimação das desigualdades sociais. In S. C. Maciel, & P. N. Fônsaca (Eds.), *Psicologia Social: Vertentes e perspectivas* (pp. 79- 101). Editora UFPB.

Pimentel, C. E., Moura, G. B., & Cavalcanti, J. G. (2017). Acceptance of dating violence scale: checking its psychometric properties. *Psico-USF*, 22(1), 147-159. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712017220113>

Pimentel, C. E., Gouveia, V. V., Diniz, P. K. C., Saenz, D. P., Santos, A. M. V., & Vieira, I. S. (2010). Evidências de validade de construto e precisão da Escala Geral do Mundo Justo. *Boletim de Psicologia*, 60 (133), 167-180.

Qualtrics, L. (November,12, 2014). Qualtrics. <http://www.qualtrics.com/>

Reyes, H. L. M. N., Foshee, V. A., Niolon, P. H., Reidy, D. E., & Hall, J. E. (2016). Gender Role Attitudes and Male Adolescent Dating Violence Perpetration: Normative Beliefs as Moderators. *Journal of Youth and Adolescence*, 45(2), 350–360. <https://doi.org/10.1007/s10964-015-0278-0>

Sidanius, J., & Pratto, F. (1999). *Social dominance: na intergroup Theory of Social Hierarchy and Opression*. Cambridge: Cambridge University Press.

Swim, J. K., Cohen, L. L., Hyers, L. L., & Ferguson, M. J. (2001). *Everyday sexism:*

- Evidence for its incidence, nature, and psychological impact from three daily diary studies. *Journal of Social Issues*, 57(1), 31–53. <https://doi.org/10.1111/0022-4537.00200>
- Tavares, S. M. (2019). *Elaboração e validação da escala de vitimização secundária da violência sexual*. [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa].
- Temple, J. R., Choi, H. J., Elmquist, J. A., Hecht, M., Miller-Day, M., Stuart, G. L., Brem, M., & Wolford-Clevenger, C. (2016). Psychological Abuse, Mental Health, and Acceptance of Dating Violence Among Adolescents. *Journal of Adolescent Health*, 59(2), 197–202. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2016.03.034>
- The jamovi project (2020). jamovi. (Version 1.2) [Computer Software].
<https://www.jamovi.org>
- Ulloa, E. C., Jaycox, L. H., Skinner, S. K., & Orsburn, M. M. (2008). Attitudes about Violence and Dating Among Latino/a Boys and Girls. *Journal of Ethnic And Cultural Diversity in Social Work*, 17(2), 157–176.
<https://doi.org/10.1080/15313200801941721>
- van den Bos, K., & Maas, M. (2009). On the Psychology of the belief in a just world: Exploring experiential and rationalistic paths to victim blaming. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 35(12), 1567–1578.
<https://doi.org/10.1177/0146167209344628>
- Wincentak, K., Connolly, J., & Card, N. (2017). Teen dating violence: A meta-analytic review of prevalence rates. In *Psychology of Violence* (Vol. 7, Issue 2, pp. 224–241). American Psychological Association Inc. <https://doi.org/10.1037/a0040194>

World Health Organization. (2010). Intimate partner and sexual violence (violence against women). World Health Organization. Disponible online (09.01.14) de:
https://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/sexual/en/

World Health Organization. (2014). Global status report on violence prevention 2014. World Health Organization. Disponible online (09.01.14) de:
<https://www.who.int/publications/i/item/9789241564793>

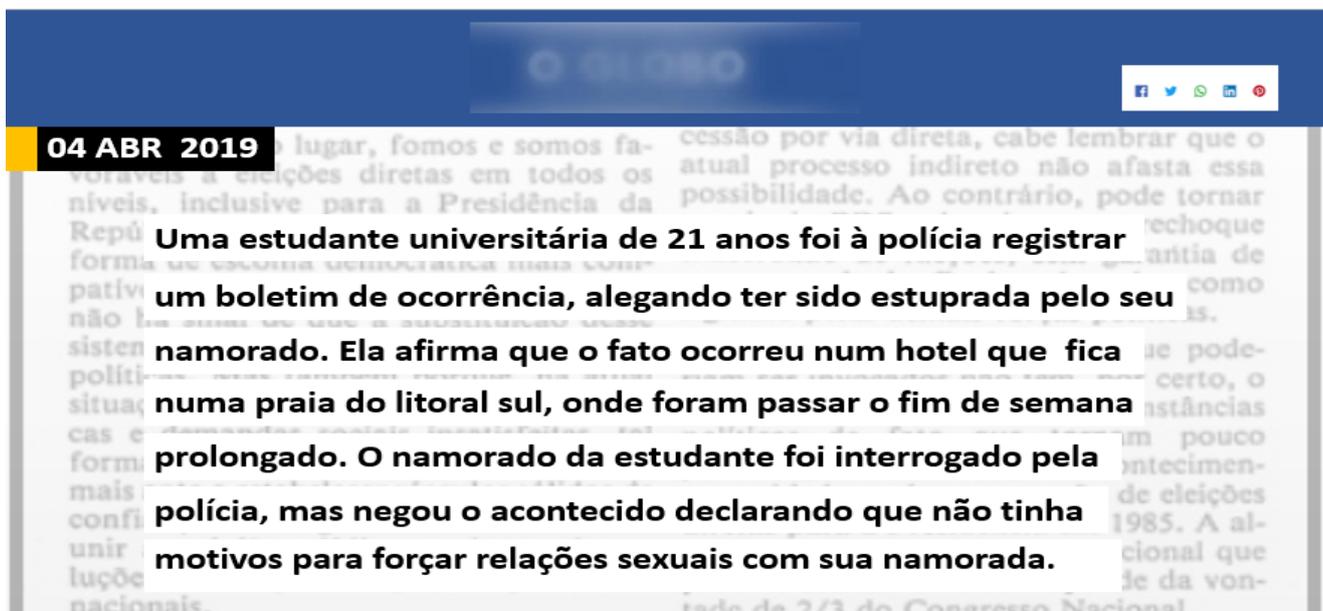
Zhang Z, Yuan KH. Practical Statistical Power Analysis Using Webpower and R. Granger: ISDSA Press; 2018.

Apêndice A

Cenário com uma notícia fictícia sobre uma vítima de violência sexual (Estudo 1)

Agora leia com atenção esta notícia que foi recentemente publicada num jornal

Local:



Apêndice B

Escala de vitimização secundária

Desenvolvida por Tavares et. al., 2018

Condição - opinião pessoal

Por favor, agora leia com atenção as seguintes afirmações abaixo acerca da estudante, e assinale a opção que melhor descreve em que medida você concorda com cada uma delas:

	Discordo Muito	Discordo	Indeciso	Concordo	Concordo muito
1. A estudante tem sofrido muito com as consequências dessa situação.	1	2	3	4	5
2. A estudante está se aproveitando da situação.	1	2	3	4	5
2. A situação da estudante é muito dolorosa para ela	1	2	3	4	5
4. A estudante tem uma parcela de culpa pelo o que lhe aconteceu	1	2	3	4	5
5. A estudante fez por merecer o que lhe aconteceu.	1	2	3	4	5
6. A estudante é a principal responsável pelo o que lhe aconteceu.	1	2	3	4	5
7. Você deseja dar abrigo à estudante até que a situação seja resolvida.	1	2	3	4	5

8. Você gostaria de ir à polícia depor a favor da estudante.	1	2	3	4	5
9. Desejaria acompanhar a estudante nas audiências judiciais	1	2	3	4	5

Apêndice C

Escala de Aceitação da Violência no Namoro

Validada por Pimentel et. al., 2017

Condição - opinião individual

INSTRUÇÕES. Indique, por favor, o **seu grau de concordância** com cada afirmação abaixo, marcando a alternativa correspondente com o que você pensa.

	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
1. Um garoto com raiva o suficiente para bater em sua namorada deve amá-la muito.	1	2	3	4
2. As garotas às vezes merecem apanhar dos seus namorados.	1	2	3	4
3. Uma garota que faz ciúmes de propósito merece apanhar do namorado.	1	2	3	4

Apêndice D

Escala de vitimização secundária

Desenvolvida por Tavares et. al., 2018

Condição - opinião da sociedade

Por favor, agora leia com atenção as seguintes afirmações abaixo acerca da estudante, e assinale a opção que melhor descreve em que medida o que você acha que **A SOCIEDADE BRASILEIRA PENSA** sobre cada uma delas , não queremos saber a sua opinião pessoal:

	Discordo Muito	Discordo	Indeciso	Concordo	Concordo muito
1. A estudante tem sofrido muito com as consequências dessa situação.	1	2	3	4	5
2. A estudante está se aproveitando da situação.	1	2	3	4	5
2. A situação da estudante é muito dolorosa para ela	1	2	3	4	5
4. A estudante tem uma parcela de culpa pelo o que lhe aconteceu	1	2	3	4	5
5. A estudante fez por merecer o que lhe aconteceu.	1	2	3	4	5

6. A estudante é a principal responsável pelo o que lhe aconteceu.	1	2	3	4	5
7. Você deseja dar abrigo à estudante até que a situação seja resolvida.	1	2	3	4	5
8. Você gostaria de ir à polícia depor a favor da estudante.	1	2	3	4	5
9. Desejaria acompanhar a estudante nas audiências judiciais	1	2	3	4	5

Apêndice E

Escala de Aceitação da Violência no Namoro

Validada por Pimentel et. al., 2017

Condição - opinião da sociedade

INSTRUÇÕES. Indique, por favor, o **seu grau de concordância** com cada afirmação abaixo, marcando a alternativa correspondente com o que você acha que **A SOCIEDADE BRASILEIRA PENSA**. Atenção, não queremos saber a sua opinião pessoal.

	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
1. Um garoto com raiva o suficiente para bater em sua namorada deve amá-la muito.	1	2	3	4
2. As garotas às vezes merecem apanhar dos seus namorados.	1	2	3	4
3. Uma garota que faz ciúmes de propósito merece apanhar do namorado.	1	2	3	4

Apêndice F

Situação experimental. Manipulação da Crença do Mundo Justo (Estudo 2)

Instruções: Leiam um pequeno texto sobre a resposta de um estudante a um estudo anterior e reflita sobre o conteúdo da resposta.

“Atualmente, o mundo passou por muitas mudanças: do clima à economia, das guerras aos conflitos familiares. No entanto, a justiça é a mesma para todos, o que torna possível viver em uma sociedade saudável. Para quem quebra as regras, há penalidades e vergonha social, e para quem obedece às leis, há serenidade e paz. Oportunidades de emprego, educação e moradia são possíveis para quem busca essas coisas através de seu esforço e dedicação. Felizmente, o mundo é justo para aqueles que merecem justiça no mundo.”

Apêndice G

Situação controle. Texto sobre uma biblioteca

A partir do conteúdo de uma determinada biblioteca, é possível conhecer toda a história do povo que a construiu. Atualmente, as bibliotecas, principalmente, as presentes em universidades, ainda possuem um papel muito importante na difusão e na democratização do conhecimento, assim como na gestão do saber, pois integram obras clássicas e contemporâneas de diferentes áreas do conhecimento.

INSTRUÇÕES. Por favor, agora leia com atenção as seguintes questões. Para cada questão apresentada, assinale a opção que melhor descreve a sua opinião acerca das bibliotecas.

- 1) O quanto você acha que as bibliotecas são importantes para as universidades?

Nada importantes (1) (2) (3) (4) (5) (6) **Muito importantes**

- 2) Quantas pessoas você conhece que frequentam bibliotecas?

Nenhuma (1) (2) (3) (4) (5) (6) **Muitas**

- 3) O quanto você acha que as bibliotecas são boas?

Nada (1) (2) (3) (4) (5) (6) Muito

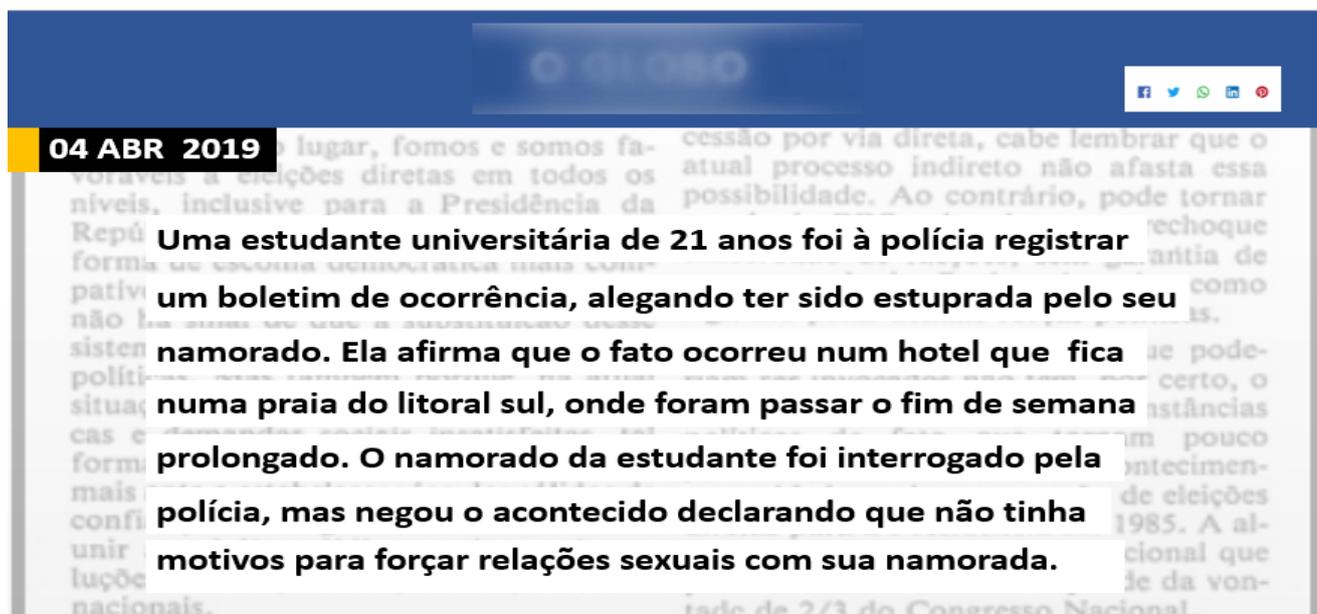
4) Qual a sua opinião em relação as bibliotecas?

Nada favorável (1) (2) (3) (4) (5) (6) Muito favorável

Apêndice H

Cenário fictício sobre uma vítima de violência sexual

Agora leia com atenção esta notícia que foi recentemente publicada num jornal Local:



Apêndice I

Escala de vitimização secundária

Desenvolvida por Tavares et. al., 2018

Condição – opinião da sociedade

Por favor, agora leia com atenção as seguintes afirmações abaixo acerca da estudante, e assinale a opção que melhor descreve em que medida você acredita que a

SOCIEDADE BRASILEIRA concorda com cada uma delas:

	Discordo Muito	Discordo	Indeciso	Concordo	Concordo muito
1. A estudante tem sofrido muito com as consequências dessa situação.	1	2	3	4	5
2. A estudante está se aproveitando da situação.	1	2	3	4	5
2. A situação da estudante é muito dolorosa para ela	1	2	3	4	5
4. A estudante tem uma parcela de culpa pelo o que lhe aconteceu	1	2	3	4	5
5. A estudante fez por merecer o que lhe aconteceu.	1	2	3	4	5
6. A estudante é a principal responsável pelo o que lhe	1	2	3	4	5

aconteceu.					
7. Você deseja dar abrigo à estudante até que a situação seja resolvida.	1	2	3	4	5
8. Você gostaria de ir à polícia depor a favor da estudante.	1	2	3	4	5
9. Desejaria acompanhar a estudante nas audiências judiciais	1	2	3	4	5

Apêndice J

Escala de Aceitação da Violência no Namoro

Validada por Pimentel et. al., 2017

Condição – opinião da sociedade

INSTRUÇÕES. Indique, por favor, o grau de concordância com cada afirmação abaixo, marcando a alternativa de acordo com o que você acredita que a **SOCIEDADE BRASILEIRA** pensa.

	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
1. Um garoto com raiva o suficiente para bater em sua namorada deve amá-la muito.	1	2	3	4
2. As garotas às vezes merecem apanhar dos seus namorados.	1	2	3	4
3. Uma garota que faz ciúmes de propósito merece apanhar do namorado.	1	2	3	4

Apêndice K

Escala de vitimização secundária

Desenvolvida por Tavares et. al., 2018

Condição – opinião pessoal

Por favor, agora leia com atenção as seguintes afirmações abaixo acerca da estudante, e assinale a opção que melhor descreve em que medida **VOCÊ CONCORDA** com cada uma delas:

	Discordo Muito	Discordo	Indeciso	Concordo	Concordo muito
1. A estudante tem sofrido muito com as consequências dessa situação.	1	2	3	4	5
2. A estudante está se aproveitando da situação.	1	2	3	4	5
2. A situação da estudante é muito dolorosa para ela	1	2	3	4	5
4. A estudante tem uma parcela de culpa pelo o que lhe aconteceu	1	2	3	4	5
5. A estudante fez por merecer o que lhe aconteceu.	1	2	3	4	5
6. A estudante é a principal responsável pelo o que lhe aconteceu.	1	2	3	4	5
7. Você deseja dar abrigo à estudante até que a situação seja resolvida.	1	2	3	4	5
8. Você gostaria de ir à polícia depor a favor da estudante.	1	2	3	4	5

9. Desejaria acompanhar a estudante nas audiências judiciais	1	2	3	4	5
--	---	---	---	---	---

Apêndice L

Escala de Aceitação da Violência no Namoro

Validada por Pimentel et. al., 2017

Condição – opinião pessoal

INSTRUÇÕES. Indique, por favor, o **SEU GRAU DE CONCORDÂNCIA** com cada afirmação abaixo, marcando a alternativa correspondente com o que você pensa.

	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
1. Um garoto com raiva o suficiente para bater em sua namorada deve amá-la muito.	1	2	3	4
2. As garotas às vezes merecem apanhar dos seus namorados.	1	2	3	4
3. Uma garota que faz ciúmes de propósito merece apanhar do namorado.	1	2	3	4

Apêndice M

Escala de Crença no Mundo Justo

Validada por Pimentel et al. (2010)

Agora queremos saber a **SUA OPINIÃO PESSOAL** sobre as questões abaixo:

Instruções: Usando a escala abaixo, indique **o quanto você concorda com cada afirmação:**

	Discordo Muito	Discordo	Indeciso	Concordo	Concordo Muito
1. Basicamente, o mundo em que vivemos é justo.	1	2	3	4	5
2. De uma maneira geral, as pessoas merecem aquilo que lhes acontece.	1	2	3	4	5
3. As injustiças em todas as áreas da vida constituem uma exceção à regra.	1	2	3	4	5
4. Ao longo da vida as pessoas acabam por ser compensadas pelas injustiças sofridas.	1	2	3	4	5
5. As pessoas tentam ser justas quando tomam decisões importantes.	1	2	3	4	5
6. A justiça vence sempre a injustiça.	1	2	3	4	5

Apêndice N

Situação Ameaça/opinião pessoal

Escala de Crença no Mundo Justo

Validada por Pimentel et al. (2010)

Queremos saber a **SUA OPINIÃO PESSOAL** sobre as questões abaixo:

Instruções: Usando a escala abaixo, indique **o quanto você concorda com cada afirmação:**

	Discordo Muito	Discordo	Indeciso	Concordo	Concordo Muito
1. Basicamente, o mundo em que vivemos é justo.	1	2	3	4	5
2. De uma maneira geral, as pessoas merecem aquilo que lhes acontece.	1	2	3	4	5
3. As injustiças em todas as áreas da vida constituem uma exceção à regra.	1	2	3	4	5
4. Ao longo da vida as pessoas acabam por ser compensadas pelas injustiças sofridas.	1	2	3	4	5

5. As pessoas tentam ser justas quando tomam decisões importantes.	1	2	3	4	5
6. A justiça vence sempre a injustiça.	1	2	3	4	5

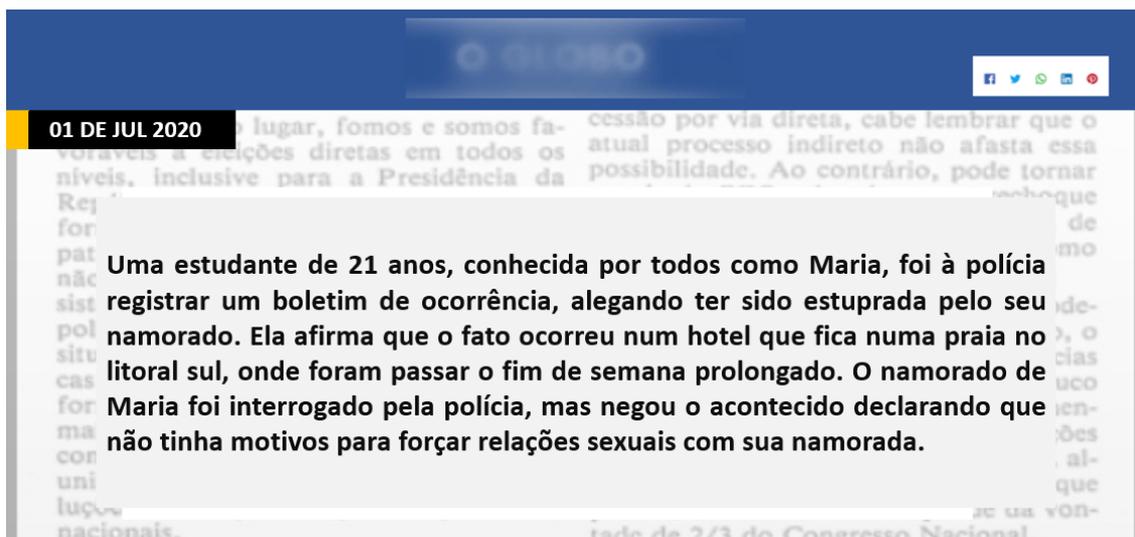
Agora, você verá uma notícia que realmente ocorreu e foi publicada em um jornal online. É uma notícia sobre uma pessoa chamada Maria.

Maria é uma pessoa genuinamente boa segundo todas as pessoas que conhece. Ela acredita na dignidade inerente e no valor de todos os seres humanos. Como suas ações são guiadas pelo espírito de curiosidade, entusiasmo, amor, bondade, trabalho em equipe, perdão e gratidão.

Realmente, Maria é uma pessoa extremamente justa quando toma decisões importantes em relação a outras pessoas, mesmo quando não conhece. Ela é aquela pessoa com quem pode contar para ajudar quando mais precisa e termos uma palavra de esperança porque, para ela, a justiça sempre vence uma injustiça.

Contudo, os últimos acontecimentos em sua vida não refletiram uma boa pessoa que ela é.

Clique na seta para ver uma notícia sobre Maria



Por favor, agora leia com atenção as seguintes afirmações abaixo acerca da situação de Maria, e assinale a opção que melhor descreve em que medida **VOCÊ** concorda com cada uma delas:

	Discordo Muito	Discordo	Indeciso	Concordo	Concordo muito
1. Maria sofreu muito com as consequências dessa situação.	1	2	3	4	5
2. Maria está se aproveitando da situação.	1	2	3	4	5
3. A situação de Maria é muito dolorosa para ela	1	2	3	4	5
4. Maria tem uma parcela de culpa pelo o que lhe aconteceu	1	2	3	4	5
5. Maria fez por merecer o que lhe aconteceu.	1	2	3	4	5
6. Maria é a principal responsável pelo o que lhe aconteceu.	1	2	3	4	5
7. Você deseja dar abrigo à Maria até que a situação seja	1	2	3	4	5

resolvida.					
8. Você gostaria de ir à polícia depor a favor de Maria.	1	2	3	4	5
9. Desejaria acompanhar Maria nas audiências judiciais	1	2	3	4	5

INSTRUÇÕES. Indique, por favor, o grau de concordância com cada afirmação abaixo, marcando a alternativa de acordo com o que você acredita.

	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
1. Um garoto com raiva o suficiente para bater em sua namorada deve amá-la muito.	1	2	3	4
3. As garotas às vezes merecem apanhar dos seus namorados.	1	2	3	4
4. Uma garota que faz ciúmes de propósito merece apanhar do namorado.	1	2	3	4

QUESTIONÁRIO SÓCIO-DEMOGRÁFICO

Finalmente, pedimos-lhe que responda às seguintes perguntas:

1. Idade: _____ anos.
2. Sexo: () Masculino () Feminino
3. Qual o seu estado civil? _____
4. Situação atual:
 Não estou namorando ()
 Namorando ()
 Casado/a união estável ()
 Separado/a ou divorciado/a ()
5. Em comparação com as pessoas do seu país, você diria que a sua família é de qual classe:
 () Baixa () Média Baixa () Média () Média Alta () Alta

Apêndice O

Situação controle/ opinião pessoal

Queremos saber a **SUA OPINIÃO PESSOAL** sobre as questões abaixo:

Instruções: Usando a escala abaixo, indique **o quanto você concorda com cada afirmação:**

	Discordo Muito	Discordo	Indeciso	Concordo	Concordo Muito
1. Basicamente, o mundo em que vivemos é justo.	1	2	3	4	5
2. De uma maneira geral, as pessoas merecem aquilo que lhes acontece.	1	2	3	4	5

3. As injustiças em todas as áreas da vida constituem uma exceção à regra.	1	2	3	4	5
4. Ao longo da vida as pessoas acabam por ser compensadas pelas injustiças sofridas.	1	2	3	4	5
5. As pessoas tentam ser justas quando tomam decisões importantes.	1	2	3	4	5
6. A justiça vence sempre a injustiça.	1	2	3	4	5

Agora leia algumas características sobre Maria, uma estudante universitária, e a seguinte notícia que foi recentemente publicada num jornal Local:

01 DE JUL 2020

Uma estudante de 21 anos, conhecida por todos como Maria, foi à polícia registrar um boletim de ocorrência, alegando ter sido estuprada pelo seu namorado. Ela afirma que o fato ocorreu num hotel que fica numa praia no litoral sul, onde foram passar o fim de semana prolongado. O namorado de Maria foi interrogado pela polícia, mas negou o acontecido declarando que não tinha motivos para forçar relações sexuais com sua namorada.

Por favor, agora leia com atenção as seguintes afirmações abaixo acerca da estudante, e assinale a opção que melhor descreve em que medida você concorda com cada uma delas:

	Discordo Muito	Discordo	Indeciso	Concordo	Concordo muito
1. Maria sofreu muito com as consequências dessa situação.	1	2	3	4	5
2. Maria está se aproveitando da situação.	1	2	3	4	5
3. A situação de Maria é muito dolorosa para ela	1	2	3	4	5
4. Maria tem uma parcela de culpa pelo o que lhe aconteceu	1	2	3	4	5
5. Maria fez por merecer o que lhe aconteceu.	1	2	3	4	5
6. Maria é a principal responsável pelo o que lhe aconteceu.	1	2	3	4	5
7. Você deseja dar abrigo à Maria até que a situação seja resolvida.	1	2	3	4	5

8. Você gostaria de ir à polícia depor a favor de Maria.	1	2	3	4	5
9. Desejaria acompanhar Maria nas audiências judiciais	1	2	3	4	5

INSTRUÇÕES. Indique, por favor, o grau de concordância com cada afirmação abaixo, marcando a alternativa de acordo com o que você acredita.

	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
2. Um garoto com raiva o suficiente para bater em sua namorada deve amá-la muito.	1	2	3	4
3. As garotas às vezes merecem apanhar dos seus namorados.	1	2	3	4
4. Uma garota que faz ciúmes de propósito merece apanhar do namorado.	1	2	3	4

QUESTIONÁRIO SÓCIO-DEMOGRÁFICO

Finalmente, pedimos-lhe que responda às seguintes perguntas:

1. Idade: ___anos.
2. Sexo: () Masculino ()Feminino
3. Qual o seu estadocivil? _____
4. Situação atual:
 Não estou namorando ()
 Namorando ()
 Casado/a união estável ()
 Separado/a ou divorciado/a ()
5. Em comparação com as pessoas do seu país, você diria que a sua família é de qual classe: () Baixa () Média Baixa () Média () Média Alta ()Alta

Apêndice P

Situação de Ameaça/ opinião da sociedade

Queremos saber a **SUA OPINIÃO PESSOAL** sobre as questões abaixo:

Instruções: Usando a escala abaixo, indique **o quanto você concorda com cada afirmação:**

	Discordo Muito	Discordo	Indeciso	Concordo	Concordo Muito

1. Basicamente, o mundo em que vivemos é justo.	1	2	3	4	5
2. De uma maneira geral, as pessoas merecem aquilo que lhes acontece.	1	2	3	4	5
3. As injustiças em todas as áreas da vida constituem uma exceção à regra.	1	2	3	4	5
4. Ao longo da vida as pessoas acabam por ser compensadas pelas injustiças sofridas.	1	2	3	4	5
5. As pessoas tentam ser justas quando tomam decisões importantes.	1	2	3	4	5
6. A justiça vence sempre a injustiça.	1	2	3	4	5

Agora leia algumas características sobre Maria, uma estudante universitária, e a seguinte notícia que foi recentemente publicada num jornal Local:

Maria é uma pessoa genuinamente boa segundo todas as pessoas que lhe conhecem. Ela acredita na dignidade inerente e no valor de todos os seres humanos. As suas ações são guiadas pelo espírito de curiosidade, entusiasmo, amor, bondade, trabalho em equipe, perdão e gratidão. Porém, os últimos acontecimentos em sua vida não refletem a boa pessoa que é.

1. Maria sofreu muito com as consequências dessa situação.	1	2	3	4	5
2. Maria está se aproveitando da situação.	1	2	3	4	5
3. A situação de Maria é muito dolorosa para ela	1	2	3	4	5
4. Maria tem uma parcela de culpa pelo o que lhe aconteceu	1	2	3	4	5
5. Maria fez por merecer o que lhe aconteceu.	1	2	3	4	5
6. Maria é a principal responsável pelo o que lhe aconteceu.	1	2	3	4	5
7. Você deseja dar abrigo à Maria até que a situação seja resolvida.	1	2	3	4	5
8. Você gostaria de ir à polícia depor a favor de Maria.	1	2	3	4	5
9. Desejaria acompanhar Maria nas audiências judiciais	1	2	3	4	5

INSTRUÇÕES. Indique, por favor, o grau de concordância com cada afirmação abaixo, marcando a alternativa de acordo com o que você acredita que a **SOCIEDADE BRASILEIRA** pensa.

	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
1. Um garoto com raiva o suficiente para bater em sua namorada deve amá-la muito.	1	2	3	4
3.As garotas às vezes merecem apanhar dos seus namorados.	1	2	3	4
4. Uma garota que faz ciúmes de propósito merece apanhar do namorado.	1	2	3	4

QUESTIONÁRIO SÓCIO-DEMOGRÁFICO

Finalmente, pedimos-lhe que responda às seguintes perguntas:

6. Idade: ___anos.
7. Sexo: () Masculino ()Feminino
8. Qual o seu estadocivil? _____
9. Situação atual:
 Não estou namorando ()
 Namorando ()
 Casado/a união estável ()
 Separado/a ou divorciado/a ()
10. Em comparação com as pessoas do seu país, você diria que a sua família é de qual classe: () Baixa () Média Baixa () Média () Média Alta ()Alta

Apêndice Q

Situação controle/ Opinião da sociedade

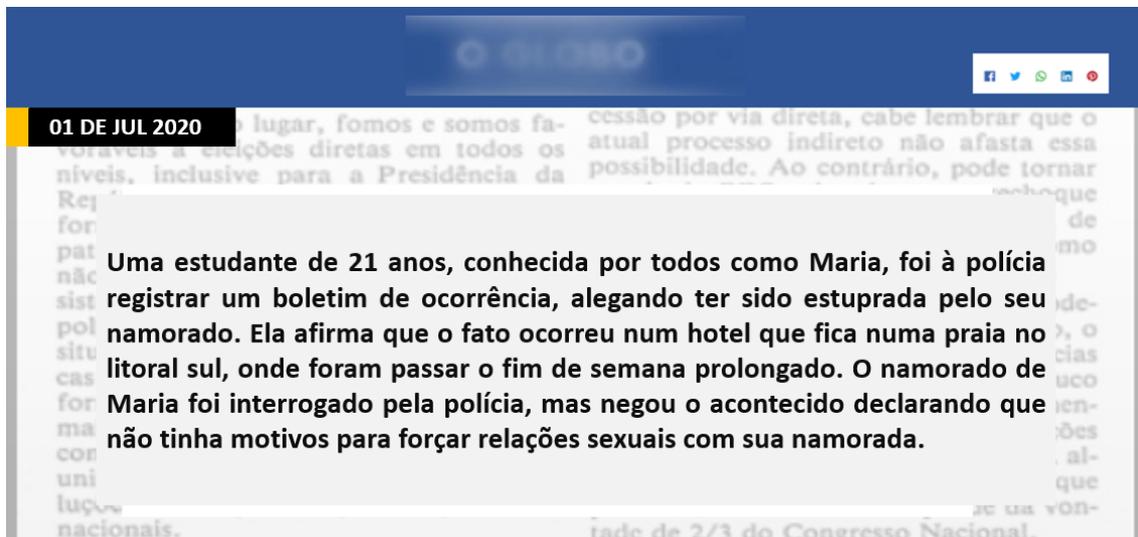
Queremos saber a **SUA OPINIÃO PESSOAL** sobre as questões abaixo:

Instruções: Usando a escala abaixo, indique **o quanto você concorda com cada afirmação:**

	Discordo Muito	Discordo	Indeciso	Concordo	Concordo Muito
1. Basicamente, o mundo em que vivemos é justo.	1	2	3	4	5
2. De uma maneira geral, as pessoas merecem aquilo que lhes acontece.	1	2	3	4	5
3. As injustiças em todas as áreas da vida constituem uma exceção à regra.	1	2	3	4	5
4. Ao longo da vida as pessoas acabam por ser compensadas pelas injustiças sofridas.	1	2	3	4	5
5. As pessoas tentam ser justas quando tomam decisões importantes.	1	2	3	4	5
6. A justiça vence sempre a injustiça.	1	2	3	4	5

Agora leia algumas características sobre Maria, uma estudante universitária, e a seguinte notícia que foi recentemente publicada num jornal Local:

Maria é uma pessoa falsa e ruim segundo todas as pessoas que lhe conhecem. Ela costuma agir de maneira intolerante e grosseira. As suas ações são guiadas pelo espírito do individualismo, da frieza e da antipatia.



Como podemos ver, este caso mostra que na maioria das vezes coisas ruins podem acontecer com pessoas ruins.

Por favor, agora leia com atenção as seguintes afirmações abaixo acerca da estudante, e assinale a opção que melhor descreve em que medida você acredita que a **SOCIEDADE BRASIELIRA** concorda com cada uma delas:

	Discordo Muito	Discordo	Indeciso	Concordo	Concordo muito
1. Maria sofreu muito com as consequências dessa situação.	1	2	3	4	5
2. Maria está se aproveitando da situação.	1	2	3	4	5
3. A situação de Maria é muito dolorosa para ela	1	2	3	4	5
4. Maria tem uma parcela de culpa pelo o que lhe aconteceu	1	2	3	4	5
5. Maria fez por merecer o que lhe aconteceu.	1	2	3	4	5
6. Maria é a principal responsável pelo o que lhe aconteceu.	1	2	3	4	5
7. Você deseja dar abrigo à Maria até que a situação seja resolvida.	1	2	3	4	5
8. Você gostaria de ir à polícia depor a favor de Maria.	1	2	3	4	5
9. Desejaria acompanhar Maria nas audiências judiciais	1	2	3	4	5

INSTRUÇÕES. Indique, por favor, o grau de concordância com cada afirmação abaixo, marcando a alternativa de acordo com o que você acredita que a **SOCIEDADE BRASILEIRA** pensa.

	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
1. Um garoto com raiva o suficiente para bater em sua namorada deve amá-la muito.	1	2	3	4
3.As garotas às vezes merecem apanhar dos seus namorados.	1	2	3	4
4. Uma garota que faz ciúmes de propósito merece apanhar do namorado.	1	2	3	4

QUESTIONÁRIO SÓCIO-DEMOGRÁFICO

Finalmente, pedimos-lhe que responda às seguintes perguntas:

11. Idade: ___ anos.

12. Sexo: () Masculino () Feminino

13. Qual o seu estado civil? _____

14. Situação atual:

Não estou namorando ()

Namorando ()

Casado/a união estável ()

Separado/a ou divorciado/a ()

15. Em comparação com as pessoas do seu país, você diria que a sua família é de qual classe: () Baixa () Média Baixa () Média () Média Alta () Alta